

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
2011

LAÍS LAUREANA DA CRUZ SILVA

***BUSCA DO NACIONALISMO POR MEIO DO  
ESPORTE: O FUTEBOL UTILIZADO COMO  
INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA  
NAÇÃO BRASILEIRA NA ERA VARGAS.***

UBERLÂNDIA  
2011

LAÍS LAUREANA DA CRUZ SILVA

***BUSCA DO NACIONALISMO POR MEIO DO  
ESPORTE: O FUTEBOL UTILIZADO COMO  
INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA  
NAÇÃO BRASILEIRA NA ERA VARGAS.***

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Alcides Freire Ramos.

UBERLÂNDIA  
2011

**Laís Laureana da Cruz Silva**

**BUSCA DO NACIONALISMO POR MEIO DO ESPORTE: O FUTEBOL  
UTILIZADO COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA NAÇÃO  
BRASILEIRA NA ERA VARGAS.**

**Orientador: Alcides Freire Ramos**

**Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de  
Graduação em História.**

**Inclui Bibliografia.**

**Palavras – chave: Política, Futebol e Unidade Nacional.**

**Páginas – 51.**

**LAÍS LAUREANA DA CRUZ SILVA**

***BUSCA DO NACIONALISMO POR MEIO DO  
ESPORTE: O FUTEBOL UTILIZADO COMO  
INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA  
NAÇÃO BRASILEIRA NA ERA VARGAS.***

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Alcides Freire Ramos**

---

**Prof. Ms. Julierme Sebastião Moraes Souza**

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Talitta Tatiane Martins Freitas**

*Dedico esta monografia ao meu pai Geraldo, a minha mãe Irani e a minha avó Maria, que sempre estiveram ao meu lado. As minhas queridas amigas do MSP, que estiveram sempre presentes durante esses anos.*

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus pela proteção e força para superar os obstáculos e pelas oportunidades durante toda a minha vida e principalmente durante a realização dessa etapa.

Aos meus pais Geraldo e Irani por todo o carinho, dedicação, apoio, compreensão, incentivos, diálogos, por me amarem e estarem sempre presentes.

Ao meu orientador Dr. Alcides Freire Ramos, por ter me ajudado com calma e sabedoria e, acima de tudo, por ter confiado na minha força de vontade e me apoiado durante a realização deste trabalho.

Se hoje estou concluindo mais uma etapa em minha vida, devo agradecer também as verdadeiras amizades, que conquistei durante esses últimos quatro anos que foram os mais doces e perfeitos. Ana Carolina, Carla, Juliana, Júlio César, Karen, Renata e Tamyres por me proporcionarem momentos felizes e inesquecíveis.

Para finalizar gostaria de agradecer a minha amiga Jéssyka, pelos momentos de alegria e apoio. Amizade construída na infância e de grande importância na minha vida.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 CAPÍTULO 1 – REVOLUÇÃO DE 30 E GETÚLIO VARGAS .....</b>	<b>12</b>
<b>3 CAPÍTULO 2 – FUTEBOL, MAIS QUE UM ESPORTE, JOGO DE INTERESSES POLÍTICOS .....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>49</b>

## **RESUMO**

Esta monografia é o resultado de uma discussão historiográfica da utilização do futebol como instrumento de manipulação política e afirmação de ideologias, bem como ações políticas durante o Governo de Getúlio Vargas.

Os objetivos do governo em questão estavam pautados em consolidar o país como uma nação capaz de construir uma identidade nacional através de um governo centralizador. O futebol foi visto então como um importante aliado na construção de uma imagem positiva do Brasil que deveria ser uma nação forte diante das demais. Os mundiais de futebol realizados durante o período que o Estado Novo vigorou, bem como a copa de 50, foram utilizados para unir os brasileiros em busca de um bem comum, ideal baseado nos princípios varguistas.

Portanto, o futebol passou a ser utilizado como forma de estimular o nacionalismo através de articulações do poder público que visualizaram nele um instrumento na busca de seus ideais.

## 1 INTRODUÇÃO

Para muitos uma diversão, um fenômeno social, uma manifestação da cultura popular, para outros instrumento de manipulação. O certo é que o futebol desde o seu início foi capaz de possuir distintas funções.

Neste trabalho, partindo do meu interesse pela Era Vargas e da minha paixão pelo futebol, por meio de uma discussão historiográfica, procurei mostrar como o esporte foi utilizado como fator de fortalecimento do Estado Novo personificado na figura do líder político Getúlio Vargas. Intervenções no esporte, como a criação de leis e de órgãos de fiscalização e repressão, objetivaram a consolidação de um projeto de unidade nacional.

Antes de apresentar os projetos e os meios utilizados pelo governo de Vargas durante o Estado Novo para alcançar a unidade nacional, procurei abordar no primeiro capítulo os meios pelos quais Getúlio Vargas chegou ao poder, bem como os segmentos sociais e políticos que o apoiaram na busca de um estado autoritário.

Vargas chegou ao poder após um golpe de Estado denominado por muitos autores como “Revolução de 30”. Partindo desse fato histórico procurei fazer uma discussão historiográfica a respeito do tema usando autores que questionam e mostram distintos posicionamentos a respeito do ocorrido em 1930. Alguns autores utilizados para tal discussão foram Boris Fausto, Edgar Salvadori de Decca e Carlos Alberto Vesentini, com relação a este, abordei as questões levantadas no livro *A Teia do Fato*.

Boris Fausto, discutindo os acontecimentos de 1930, busca revisar e apresentar novos conceitos referentes ao tema, atribuindo às lacunas existentes e aos problemas na elite dirigente da época as causas de tal acontecimento. O autor Edgar Salvadori de Decca considera que em 1930 houve sim uma revolução, não concordando com os argumentos de Boris Fausto, dessa forma atribuiu aos conflitos existentes ao longo das décadas anteriores a causa do que ele considera Revolução de 30. Para ele a elite da época fez a revolução como forma de resposta às manifestações de imigrantes e trabalhadores. Ao utilizar este autor, procurei abordar a utilização da memória para fortalecer e legitimar determinados setores e discursos políticos que buscam privilegiar alguns fatos desconsiderando os chamados “vencidos”, por considerarem sem importância ou mesmo perigosos, apropriando-se dos seus discursos. Ao utilizar Carlos Alberto Vesentini, foi possível apresentar a memória dos “vencedores” questionando e mostrando como a mesma ganhou destaque, apropriando-se da memória, considerando-se a única, a verdadeira, a inquestionável “história oficial”. Baseando-

me neste autor, abordei a imposição dos fatos ditos “corretos” por meio dos livros didáticos, nos quais só há espaço para uma única versão, que passa a ser a única que apresenta a verdade e assim os agentes dessa verdade imposta passam a ser os únicos que fizeram a história e realmente tomaram parte nela.

Como exemplo de memória oficial utilizei dois ideólogos do Estado Novo, com visões elitistas que atribuem as funções de comando às elites por considerarem o único grupo social capaz.

Essas abordagens foram necessárias para mostrar como se constituiu a memória sobre 1930 e como os agentes desse fato manipularam e impuseram a sua memória, as suas verdades, para legitimar as suas ações.

No início do segundo capítulo procurei apresentar as origens do futebol, bem como o primeiro contato dos brasileiros. Segundo Maurício Murad o esporte já estava presente na Antiguidade, mostrando que essa prática esportiva já acontecia na China, Japão, América Pré-Hispânica, Grécia, Roma e Itália com objetivos políticos, militares, relacionados aos cerimoniais e rituais de guerra. Com relação à prática esportiva no Brasil, utilizando a dissertação de mestrado de Alexandre Nicolau Luccas e o livro de Roberto Ramos *Futebol: Ideologia do Poder*, foi possível mostrar outras versões sobre o início do futebol no nosso país, diferentes da que conhecemos que atribui a Charles Miller a responsabilidade direta pela realização do primeiro jogo no país bem como a introdução dessa prática esportiva entre nós.

A popularização do esporte e a profissionalização de seus praticantes foram abordadas para mostrar como essa prática esportiva foi capaz de chamar a atenção do poder público e se tornar um instrumento de fortalecimento de um regime político, no qual as vitórias nos gramados passaram a ser vistas como um importante elemento, ferramenta de manobra. A vinculação de Vargas ao esporte a partir dos meios de comunicação foi apresentada a partir dos argumentos da autora Maria Helena Rolin Capelato que nos mostra como foram construídas as imagens e símbolos, durante o Estado Novo, relacionados ao futebol e ao povo brasileiro. Quando abordo as interferências do governo de forma direta utilizo a dissertação de mestrado de Rafael Luís Macedo para mostrar como a prática esportiva foi fiscalizada e orientada, enfim, o controle político e social desse esporte.

A construção de uma imagem positiva do país por meio do esporte, a busca de um “homem novo” que deveria desempenhar a função de trabalhar em prol da nação brasileira, foram encontradas no livro de Eliazar João da Silva *A Taça do Mundo É Nossa! O Futebol Como Representação da Nacionalidade*. O trabalho de Denaldo Alchorne de Souza foi utilizado para mostrar que mesmo com todo o projeto de valorização da nação, por meio de

homens fortes inspirados na educação moral e cívica com base nas atividades esportivas e que consecutivamente seriam o reflexo de uma nação unida, forte, baseada nos princípios varguistas, houve alguns setores da sociedade que se identificaram com os ideais que não eram considerados oficiais. A identificação com o jogador Leônidas da Silva, que não era representante das classes dominantes e também não era o protótipo do homem brasileiro idealizado pelo Estado Novo, foi um exemplo da aproximação da população a outros ideais.

A apresentação dos jogos, resultados dos mundiais de 1930, 1934, 1938 e 1950 com base nos dados presentes no livro de Orlando Duarte *Enciclopédia – Todas As Copas Do Mundo*, foi necessária para mostra ao leitor como eram as disputas, como o Brasil conseguiu determinada colocação, quais eram os reflexos na nossa sociedade e quais eram as justificativas para tais colocações.

O terceiro mundial, realizado na França, foi utilizado para mostrar a importância atribuída ao futebol pelo Estado Novo após o terceiro lugar no campeonato. O terceiro lugar foi considerado uma boa colocação e um bom motivo para vincular as vitórias e as possíveis conquistas da seleção brasileira a uma nação forte, unida que teria em Getúlio Vargas o tutor para o progresso do Brasil e dos brasileiros. Ainda em relação ao mundial de 1938, foi possível apresentar os símbolos e os mitos criados pelo governo utilizando jogadores que participaram desse mundial.

Procurei apresentar opiniões de alguns autores da literatura brasileira que escreveram sobre o futebol, sobre a seleção brasileira e a sua relação com a população. Utilizei autores da década de 20 (Lima Barreto e Graciliano Ramos) que não viam o esporte com “bons olhos” e Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues que manifestavam todo o seu apoio, toda a sua admiração pelo futebol.

Procurei destacar também a copa de 1950, com o objetivo de mostrar a mobilização e o excesso de confiança da população e do governo federal para a realização do mundial e uma eventual conquista, como também os reflexos da derrota em todo o país. Utilizei as crônicas de Nelson Rodrigues e algumas reportagens da revista *O Cruzeiro* para mostrar a repercussão e como foram as abordagens após a derrota. As crônicas de Nelson Rodrigues foram necessárias para mostrar a sua relação com o futebol e a sua posição diante das derrotas, não sacrificava nenhum jogador, pelo contrário, mostrava todo o seu amor ao esporte e a sua total confiança no time brasileiro. As crônicas presentes em *A Pátria em Chuteiras* e *A Sombra das Chuteiras Imortais* foram utilizadas como forma de apresentar o que Nelson Rodrigues acreditava ser um excesso de humildade e o complexo de vira-latas e como essas características poderiam atrapalhar a seleção em futuras competições.

Para finalizar, procurei refletir sobre o papel atribuído por mim ao futebol, destacando as cinco conquistas que possuímos nos mundiais para mostrar que apesar de ter sido inserido no cotidiano dos brasileiros como forma de legitimar ações políticas, ele se constituiu num forte elemento da nossa cultura. Está na vida dos torcedores brasileiros, nos desperta alegria e orgulho de ser brasileiro mesmo que seja somente por meio do futebol.

## 2 CAPÍTULO I: REVOLUÇÃO DE 30 E GETÚLIO VARGAS

Dentre tantos outros acontecimentos, o futebol teve um grande destaque no governo varguista devido a sua aproximação com a população que via e ainda vê neste esporte uma maneira de diversão e até mesmo certa fuga da realidade, fuga dos problemas pessoais, bem como dos problemas da nação. Desse modo ele abrange todas as camadas da população, aproximando torcedores, do rico ao pobre. Aproximando-os de certo modo. Assim o futebol, foi utilizado como instrumento de fortalecimento de ideologias, bem como ações políticas, estimulando o sentimento de nacionalidade misturando-o aos sentimentos do torcedor, simbolizando a força de sua identidade política.

Para uma melhor compreensão deste capítulo e de todo este trabalho devemos voltar ao final dos anos 20 e início dos anos 30, quando Getúlio Vargas<sup>1</sup> inicia a sua trajetória política perante todo o país.

Em 1929 o mundo capitalista se viu abalado devido à crise de superprodução da indústria estadunidense. Essa crise afetou diretamente a economia brasileira que tinha como base econômica a produção do café. Em decorrência dessa crise os Estados Unidos da América deixaram de comprar produtos de diversos países, o café brasileiro, por exemplo, provocando assim uma crise e conseqüentemente a queda nos preços do café e abalando as estruturas da República Velha:

Ao longo da República Velha, o café manteve de longe o primeiro lugar na pauta das exportações brasileiras, com uma média em torno de 60% do valor total. No final do período, representava em média 72,5% das exportações. Dependiam do produto o crescimento e o emprego, nas áreas mais desenvolvidas do país. Ele fornecia também a maior parte das divisas necessárias para as importações e o atendimento dos compromissos no exterior, especialmente os da dívida externa.<sup>2</sup>

Entretanto, não somente a crise de 1929 abalou as estruturas econômicas como também as estruturas políticas, que a partir desse fato sofrem rupturas. Se antes existiam acordos políticos entre Minas Gerais e São Paulo, a famosa “Política do Café-com-Leite”, os dois estados, após o rompimento, constroem novas alianças. Em 1930, ocorreram eleições presidenciais, das quais Júlio Prestes saiu vitorioso, contudo, o resultado foi contestado e Prestes foi impedido pela Aliança Liberal de assumir o poder, desse modo a presidência foi entregue ao chefe político da Revolução de 30, Getúlio Vargas:

---

<sup>1</sup> Comandou o país por 15 anos (1930-1945) e depois através do voto direto governou o país durante os anos de 1951 a 1954.

<sup>2</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 273.

O não cumprimento das regras do jogo por parte do presidente Washington Luiz, que indicou para a sua sucessão, em 1929, o paulista Júlio Prestes em vez de um mineiro, como seria a regra de revezamento do “café-com-leite”, foi um fator central da ruptura política ocorrida em 1930. (FAUSTO, 2008, p. 273)

A posse de Getúlio Vargas na presidência ocorreu em “3 de Novembro de 1930, marcando o fim da República Velha”. (FAUSTO, 2008, p. 325). A tomada do poder em 1930 não foi feita por um grupo apenas e sim pelos mais diversificados segmentos sociais e políticos. O adversário era o mesmo de anteriormente, no entanto, as perspectivas foram consideradas distintas.

(...) os velhos oligarcas representantes típicos das classes dominantes de cada região do país, desejavam apenas maior soma pessoal de poder, com um mínimo de transformações; os quadros civis mais jovens inclinavam-se a reformular o sistema político e se associaram transitoriamente com os tenentes, formando o grupo dos chamados “tenentes civis”; o movimento tenentista - visto como uma ameaça pelas altas patentes das forças armadas – defendia a centralização do poder e a introdução de algumas reformas sociais; o Partido Democrático – porta-voz da classe média tradicional – pretendia o controle do governo do Estado de São Paulo e a efetiva adoção dos princípios do Estado liberal, que aparentemente asseguraria seu predomínio. (FAUSTO, 2008, p. 326).

Perante todos os desejos e transformações de todas as classes acima citadas, fica uma indagação: até que ponto a revolução de 30 pode ser considerada como tal? Seria propriamente uma revolução ou um golpe?

Para dissertar sobre esse tema me baseio em alguns autores que escreveram sobre esse fato histórico, propondo indagações, mostrando diferentes vertentes que dão explicações sobre 1930.

Boris Fausto<sup>3</sup>, que será bastante utilizado neste trabalho, é um historiador que tem a maioria de suas obras sobre “Revolução de 1930”, escritas em 1970, acredita que esse fato histórico ocorreu em consequência de um vazio no poder, mais do que qualquer outro fator. Afirmando assim, que a existência desse vazio foi resultante de desentendimentos dentro da própria oligarquia. Segundo Boris Fausto, esses problemas na elite dirigente provocaram a saída de alguns que juntamente com os militares assumem uma nova força, sendo capazes de construir um Estado com distintos grupos e interesses. Já para Edgar Salvadori De Decca, a Revolução de 1930 deve ser considerada como tal, ele demonstra a existência de novas teses que procuram lançar novos olhares em relação a este fato histórico. Segundo De Decca, não existiu um vazio no poder que desencadeasse a Revolução de 1930 e sim um transbordamento

<sup>3</sup> Sobre a revolução de 30, procurou revisar conceitos e fazer uma nova análise dos fatos. FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1972

de problemas ao longo da década de 20. Esses conflitos, segundo De Decca, foram protagonizados por trabalhadores e grupos anarquistas que estavam em busca de espaços e melhores condições de vida. Dessa forma, segundo De Decca, a elite da época foi obrigada a dar respostas a esses grupos que se manifestavam. Assim podemos perceber o desprezo que De Decca devota às versões difundidas pelas elites.

Levando em consideração esse desprezo, podemos ainda indagar de que forma a Revolução de 30 foi utilizada por boa parte da historiografia brasileira, bem como a mesma privilegiou os “vencedores” e tentou abafar, esconder a história dos “vencidos”. Dessa forma, será possível entender de que modo a história se fez como memória e como ela foi tratada na prática historiográfica.

De Decca, em seus escritos, acredita que não existe nenhuma adesão à história dos vencidos. Ele parte da premissa de que a prática historiográfica manteve-se presa ao campo das representações de discursos políticos sem ao menos se perguntar de que maneira foram enunciados esses discursos. Desse modo, coloca em suspeita parte das abordagens referentes ao tema 1930, privilegiando fatos que marcaram a história da Revolução de 30 a partir de uma ótica distinta a respeito do movimento sindical, desprezando a versão elitista tão difundida.

Podemos perceber que para De Decca, o importante é verificar, analisar e mostrar os mecanismos pelos quais os discursos políticos produziram o fato histórico visando a própria legitimidade, não somente procurar o sentido profundo da Revolução de 1930. Dessa forma, não devemos considerar as construções da memória exclusivamente a partir de um poder político que as elaborou, pois os processos de dominação da memória são produzidas pelos discursos políticos do poder e, segundo De Decca, esse poder refaz a história a partir das suas próprias referências, apropriando-se da linguagem revolucionária fazendo dos revolucionários inimigos de um regime, desqualificando qualquer ação dos mesmos, “deixando o Estado como único representante legítimo dos ideais da nação”,<sup>4</sup> capaz também, de certa forma, de apagar aquilo que não importa para os detentores do poder, por meio da repressão e da dominação, fazendo a história a partir das suas próprias referências, considerando somente a história oficial, a história “correta”, tornando a memória dos vencedores um fato histórico e não uma das versões possíveis de um processo histórico. A memória é, então, cercada por “batalhas”, nas quais os “vitoriosos” conseguem impor sua versão à maioria, tentando apagar e abafar a memória do outro, aquele considerado “vencido”.

---

<sup>4</sup> DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930, O silêncio dos vencidos: memória, história e revolução**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.15.

Em seu trabalho *A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica*, Carlos Alberto Vesentini procura reordenar socialmente o período de 1930, “dando vida aos questionamentos cotidianos tão necessários ao ofício do historiador”<sup>5</sup>, questionando a memória do vencedor e a maneira como este se projetou.

Segundo o autor, a elite é responsável pelo surgimento do fato devido às suas ações e pelo desenrolar do movimento da história. “Ela dá o tom das mudanças, pensando também ética e moralmente. Personagens, em que se alocam significações de âmbito geral saem delas” (VESENTINI, 1997, p. 38). Contudo, para ele não é responsável por fazer história, como também não é o único grupo capaz de por o fato sob reflexão, análise e compreensão. Uma vez que não acredita somente ser possível haver discussões e buscas por novas perspectivas, novas e “melhores” interpretações “dentro” desse grupo.

A partir disso, Carlos Alberto Vesentini procura entender como deixar de aceitar tais imposições, como não aceitar tais perspectivas:

Situar o problema, revê-lo na perspectiva do tempo, criticá-lo ou recuperá-lo, fazem parte da retomada da função do agente [...] como fazer isso? Qual o problema? Onde se colocou? As representações, agentes, problemas estão dadas no próprio fato, e a objetividade está ligada a externalidade, a essa precisa posição externa elide este pequeno detalhe. O fato solta-se das significações que ele já contém, permitindo algo semelhante ao “vê-lo” para melhor examiná-lo, dando margem tanto à idéia de seu estudo objetivo (e ele já está no pensamento de todos, nesse caso), isolado de versões apaixonadas, ou podendo focar exclusivamente as realizações permitidas por ele, quanto à separação entre o fato e tudo o soante como sua interpretação. Variável e sujeita a correções, está última (VESENTINI, 1997, p.44).

As memórias sobre 1930 não são pensadas segundo Vesentini, em geral, na localização de significados, em outras práticas, em outros locais. Desse modo, voltar para o passado é uma forma de apresentar novas perspectivas e análises, sendo possível não considerar somente uma única versão como verdadeira, visto que a memória sempre foi constantemente apropriada e reelaborada pelo poder.

Outra via de imposição da memória “vencedora”, de uma única abordagem sobre 1930, está presente nos livros didáticos que, segundo Carlos Alberto Vesentini, se constituem numa das primeiras vias pelas quais a linguagem da história é absorvida por qualquer um. O contexto histórico de 1930 é então organizado como pontos centrais em torno dos quais uma série de outros temas passa a ser referida, o que o torna tais livros definidores e periodizados:

---

<sup>5</sup> VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica**. Ed. Hucitec, História Social, USP. São Paulo, 1997. p. 07.

[...] traduzem um saber definido, pronto e acabado, a ser apreendido de quem já sabe, ou do lugar onde ele já está. [...] ligados à idéia de saber correto, dominado por fonte competente, e opondo-se continuamente às miríades de “erros”. Onde o conhecimento e autoridade não aparecem no espaço vivido dos argumentos, das demonstrações e dos conflitos entre leituras divergentes. O conhecimento pode transparecer unitário e assumir a forma de oposição (VESENTINI, 1997, p. 68).

Isso ocorre porque há uma centralização na passagem de verdades prontas e acabadas, verdades absolutas. O questionamento não faz parte da cultura de muitos, as verdades são ditas, mostradas e ficam impossíveis de serem questionadas. Por exemplo, como pedir certos questionamentos em livros que utilizam a História, bem como a Revolução de 1930, como fato linear e cheio de informações acumulativas sobre o passado? Os questionamentos surgem como uma afronta a aquela verdade posta como pronta e acabada, questionar ou colocar em dúvida certas “verdades” pode soar de forma ingrata para aquele que fez e faz a história oficial.

“Vencedores” e “vencidos” estão presentes num processo de luta, assim pode-se projetar mais de uma percepção. É importante lembrar que mesmo quando os chamados “vencidos” não se expressam, ou não são ouvidos e percebidos, persistem suas posições, “a possibilidade de outra leitura de seu momento”. “No tornar simplificado e unitário o conhecimento, apenas um discurso se reforça e toma o “ar” de verdade” (VESENTINI, 1997, p. 71).

Assim, Vesentini afirma que os momentos históricos são poros adentro, sem defesa e de quem esperar além de nós o enfrentamento do fato e da sua verdade? Percebemos, então, a grande capacidade que as percepções posteriores têm de fixar a recordação, segundo Vesentini, “são capazes de dar direção ao onde alocá-la, e de manifestar corrigindo as primeiras impressões, obrigando-as a uma revisão” (VESENTINI, 1997, p. 127).

A afirmação social e a própria presença são pontos de partida relevantes na elaboração do fato:

Nesse caso, coincidem, e o reportar-se apenas acrescenta, revê, estabelece novas nuances - que a bibliografia ou a reiteração social perderam de vista. Não deixa de ser, todavia, revisão – pelo próprio eu mudado, pelo contato com o posterior, pelas leituras feitas (VESENTINI, 1997, p. 127).

Desse modo, o autor afirma que depois de aceito o fato este se torna relevante. A memória oficial, munida do poder não é neutra nas suas interpretações, sendo assim, as suas intenções e a afirmação de sua legitimidade são explícitas:

(...) Sua forma aparece na definição, na instauração, de uma temporalidade organizada por uma periodização, em que um marco cria duas épocas. E é exatamente essa temporalidade que coincide com as interpretações. (...) Revolução de 1930 é o marco, definidor das duas etapas – e a segunda é uma transição. Ela encontra-se em aberto, quanto ao seu significado, que apenas a obra preencherá – resultante do labor administrativo, desta administração, caracterizada por outra mentalidade, mas especificamente produzida no e pelo bojo da “consciência política” a se impor (VESENTINI, 1997, p. 130).

Para Vesentini, então, o discurso do poder funciona duplamente. Como Revolução, 1930 passa a ser inserido como afirmador geral e despertar da consciência da nação. Sendo que a dominação tem como função primordial procurar identificar:

(...) o interesse geral na realização mesma dessa revolução, em si própria obra. E situar o poder vigente como produto específico dessa revolução. Poder a encarnar a nação, haja vista estar lá, nos pródromos da obra coletiva; representando aspirações gerais – como ainda agora, orientando e construindo, na transição. E opera também com outra nuança, como exercício e controle do poder político, apresentando-se agora como administração. Necessita – é-lhe crucial – apropriar-se da idéia, da categoria, ante outros adversários a disputá-la. O adversário citado é a “política oligárquica” contra a qual fez-se a revolução, despertada a nação, até então malconduzida por “falsos guias”. Poderá caminhar, desde aqui, nesta transição, como uma nação-sujeito, dirigida em seus rumos por esta administração. Estabelecer a sua legitimidade, graças à sua presença, encarnadora do todos (excluídos os “falsos guias”, a “política oligárquica”), transparece como essencial naquele marco. Mas isto só se torna possível por uma operação capaz de estabelecer a percepção mesma da história. Nesse sentido, o refaz da memória legítima o poder vigente e define o campo da ação coletiva em um único lugar. Revolução de 30 expressa-o, como forte instituinte do poder e como afirmação ao geral – nação – da realização de suas aspirações e da sua liberação. Ou seja, como ponto de nascimento, de fundação – vontade coletiva a manifestar-se, a “caminhar por seus próprios passos”, mas mediada pela intervenção deste poder/administração a interpretá-la e a orientar mesmos passos (VESENTINI, 1997, p. 130).

Assim, 1930 se constituiu como memória histórica tornado-se a própria história. A imposição desta memória é vista pelo autor como uma memória consentida. Os agentes/vencedores dessa “história verdadeira”, por possuírem o poder, fizeram com que as outras interpretações se tornassem incoerentes e sem a importância que possuem. Não levaram em consideração as histórias vividas por outros grupos, passaram a ser desconsideradas pelo simples fato de não serem interessantes para determinado uso do poder, por não serem parte integrante de um grupo dominante.

Ainda sob a perspectiva da construção de apenas uma versão, difundida pelas elites, da história “oficial”, podemos citar dois ideólogos do Estado Novo que, diferentemente de Edgar Salvadori De Decca, possuíam uma visão elitista. São eles Francisco Campos e Azevedo Amaral, que partiam da premissa de que as elites de uma nação eram vistas como superiores aos demais. Esta superioridade era vista como natural, pois para eles esse grupo

social teria que desempenhar as funções de comando. Nessa elite era depositada toda a soberania nas decisões. “(...) uma nação vale o que vale a sua elite”.<sup>6</sup> Esses dois ideólogos, partem da premissa de que a aceitação do Estado Novo se deu a partir das elites dirigentes da época, apesar de se mostrarem bastante heterogêneas, como já foi dito anteriormente. Azevedo Amaral afirmava que “a nação em peso colaborava subconscientemente na derrocada do regime anterior”<sup>7</sup> e que o Estado Novo “foi acolhido com satisfação pela população” (AMARAL, 1941, p. 133). “(...) toda a Nação se incorporou ao movimento revolucionário. Pela unânime aclamação dos brasileiros o país inteiro o recebeu confiante”<sup>8</sup> foram as palavras pronunciadas por Francisco Campos.

As construções de uma única História e a criação de uma imagem referente ao chefe político Getúlio Vargas, foram características marcantes do Estado Novo. Durante todo o período da ditadura getulista a imagem do mesmo foi usada de forma sistemática para justificar e legitimar as suas ações, nos campos social, político e econômico.

“No comando do Estado, o poder pessoal de Getúlio Vargas representava a instância decisiva nas resoluções fundamentais” (FAUSTO, 2008, p. 368). Um dos meios mais utilizados por Vargas para legitimar as suas ações foi à opinião pública, por meio da censura a todos os meios de comunicação, sua imagem foi bastante trabalhada, chegando a ponto de haver “elaboração da sua própria versão da fase que o país vivia” (FAUSTO, 2008, p. 375), pois era detentor de um poder de convencimento eficaz. O Departamento Oficial de Publicidade e o DIP eram totalmente submissos ao presidente, neles fazia diversas intervenções, escolhendo também os seus principais dirigentes. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) controlava os meios de comunicação e cultura, sendo também responsável pela produção e divulgação da propaganda no Estado Novo:

O Departamento de Imprensa e Propaganda deixava transparecer sua concepção totalitária de um órgão de poder destinado a abranger um grande número de atividades. O DIP centralizava, coordenava e supervisionava a propaganda nacional interna e externa, servindo como porta-voz do sistema político nacional. Outras atribuições cabiam ao DIP, como supervisionar o turismo, censurar o teatro, cinema, atividades esportivas ou recreativas de todos os tipos, bem como os rádios, a literatura social ou política e a imprensa. Tinha como função especial, o estímulo tanto da produção de filmes nacionais como selecionar filmes educacionais e nacionalistas para benefício do governo.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> MEDEIROS, Jarbas. **Ideologia Autoritária no Brasil (1930/1945)**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978, p.25.

<sup>7</sup> AMARAL, Azevedo. **Getúlio Vargas, Estadista**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941, p. 80.

<sup>8</sup> CAMPOS, Francisco. **O Estado Nacional (Sua estrutura – seu conteúdo ideológico)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 77 e 113, respectivamente.

<sup>9</sup> GOMES, Ângela Maria C. **História e Historiadores: A Política Cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 45.

Desse modo, Vargas “via nos meios de comunicação uma ferramenta capaz de legitimar o Estado Novo e conquistar o apoio dos trabalhadores a sua política”, olhando para a mesma “não como instrumento de poder e sim o próprio poder”,<sup>10</sup> pois era esse o sentido da propaganda no Estado Novo.

Toda essa propaganda foi, então, benéfica para o regime ditatorial instaurado na Era Vargas como também para a sua imagem diante a população, “No Brasil, onde a Constituição cercava todas as liberdades políticas, Getúlio Vargas não precisava do apoio popular senão para legitimar o novo regime” (CAPELATO, 1998, p. 265). Esse apoio era conquistado a partir de políticas trabalhistas, que foram utilizadas de modo bastante intenso para formar e apresentar à população a imagem de um líder preocupado com o bem estar da nação e dos seus cidadãos, com o único objetivo de legitimar suas ações. Muito foi feito para esses “Trabalhadores do Brasil”,<sup>11</sup> anunciava-se. E “(...) a carta de 1937 que voltou a adotar o princípio da unidade sindical, que nunca havia sido abandonado na prática” (FAUSTO, 2008, p. 373), tornou os sindicatos ainda mais dependentes do Estado. Além disso, e principalmente, as cerimônias realizadas em comemoração ao 1º de maio, com a utilização dos meios de comunicação, divulgavam e aproximavam de forma sistemática governo e povo. Assim, “(...) as comemorações de 1º de maio reuniam grandes massas de operários e o povo em geral e era nesses momentos que Vargas anunciava algumas medidas muito aguardadas de alcance social” (FAUSTO, 2008, p. 375).

Desse modo o chefe de Estado era visto pela população de trabalhadores como “dirigente e guia dos brasileiros, em especial trabalhadores, como amigo e pai, semelhante na escala social ao chefe de família” (FAUSTO, 2008, p. 375).

“As comemorações do 1º de maio, como as da Semana da Pátria, eram uma imitação dos grandes comícios hitleristas e das grandes concentrações italianas (...)”.<sup>12</sup> O 1º de maio passa a ser então uma das armas de Vargas para conquistar a adoração dos trabalhadores.

Em relação ao futebol, que é o eixo central deste trabalho, a adoração de Vargas por parte da população se dava a partir da busca de um nacionalismo diretamente ligado ao

---

<sup>10</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papyrus, 1998 – (Coleção Textos do Tempo), p.68 e 73 respectivamente.

<sup>11</sup> Assim era a forma como Getúlio Vargas iniciava os seus discursos, aproximando os trabalhadores do seu líder.

<sup>12</sup> PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala. Origens da ideologia do trabalhismo no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 99.

futebol. Segundo Eric Hobsbawn, o nacionalismo pode ser entendido por uma série de visões. Nas visões ligadas ao romantismo a nação era vista como um corpo no qual não existia lugar para a discórdia; outra visão é do nacionalismo como mera ideologia. No período varguista, podemos concluir, tomando como referência Eric Hobsbawn, o nacionalismo se caracteriza como religião política, com o sujeito sempre ligado à nação.

Os brasileiros, extremamente apaixonados pelo futebol, vendo nele um meio de diversão, prazer e paixão – despertada pelos times de futebol e principalmente pela seleção brasileira –, passaram a ser observados pelo governo Vargas com maior atenção. Assim, foi-se aproximando futebol e nação de forma intensiva, aproveitando-se o esporte para demonstrações que enalteciam a imagem de Vargas e seu governo: “Diante de eventos ditos ‘nacionais’, como a participação da seleção brasileira de futebol em copas do mundo, símbolos que remetiam a pátria, eram invariavelmente lembrados, como bandeiras, estampas e hinos”.<sup>13</sup>

Capelato afirma que “a bandeira brasileira e a figura de Vargas foram os símbolos mais explorados nas representações visuais do Estado Novo” (CAPELATO, 1998, p. 48). À medida que as vitórias iam aparecendo o governo as utilizava para reafirmar o seu governo e obter mais credibilidade perante a nação a partir do esporte. Mesmo em 1938, quando a seleção brasileira participou da Copa de mundo realizada na França e não saiu de lá vitoriosa, começou a se estabelecer vínculos maiores entre o futebol e a nacionalidade:

Os jogadores brasileiros eram descritos nos periódicos e nas transmissões radiofônicas como os “melhores do mundo”. O futebol nacional teria alcançado seu melhor estágio de desenvolvimento técnico, ao se confrontar em igualdade de condições com o da Europa. Representantes do governo Vargas se dirigiam aos atletas como “heróis nacionais”, embora não tivessem se sagrado campeões. (SILVA, 2006, p. 146)

Sendo assim, o governo Vargas viu uma oportunidade privilegiada de estimular o sentido de amor ao país, de amor à pátria, vendo no atleta brasileiro um objeto a ser explorado na busca de um Brasil novo, associando-o ao valor do trabalho. “A percepção do valor do trabalho era na perspectiva do Estado Novo uma condição imprescindível para o país que se anunciava. Houve nesse período uma intensa política de valorização do trabalho” (SILVA, 2006, p. 28).

Dessa forma, podemos perceber o quanto o espetáculo do futebol foi associado ao governo para enaltecer e valorizar não só o país como também o próprio governo. Fica

---

<sup>13</sup> SILVA, Eliazar João da. **A taça do mundo é nossa: o futebol como representação da nacionalidade.** Governador Valadares: Univale, 2006, p. 162

evidente o quanto o futebol foi rodeado de intenções políticas, visando sempre uma imagem positiva de Vargas e deixando de lado o papel principal desse esporte que é a alegria, a diversão e a paixão.

### 3 CAPÍTULO II: FUTEBOL, MAIS QUE UM ESPORTE, UM JOGO DE INTERESSES POLÍTICOS

Futebol: esporte no qual se utiliza uma bola, disputado entre dois times com onze jogadores cada, e em que o objetivo é fazer com que a bola de couro entre no gol do adversário sem a intervenção das mãos. Essa definição está presente em diversos dicionários, porém, para muitas pessoas a concepção desta palavra está além de uma simples partida de futebol. Para uma parcela significativa da população das classes baixas, é sinônimo de ascensão social, uma oportunidade de “ser alguém na vida”. Além da oportunidade de ascensão social o futebol representa lazer, alegria, sofrimento, diversão, amor a um determinado clube, a uma determinada Seleção. Momentos onde ricos ou pobres, de diferentes raças e religiões, esquecem os problemas cotidianos e se unem em torno de um único objetivo: a vitória.

Para entender como esse esporte se tornou uma “paixão nacional” e como foi utilizado pelo governo Vargas como ferramenta de manobra, para legitimar as suas ações, acredito ser necessário apresentar no início deste capítulo as origens desse esporte, bem como o início dessa prática esportiva no Brasil.

Na Dissertação de mestrado de Alexandre Nicolau Luccas, “Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social”, o futebol é definido como:

Requisito fundamental na constituição da subjetividade do brasileiro, uma identidade no campo esportivo, algo que nos apresenta perante os outros de um grupo de relações significativas e nos inscreve de uma determinada maneira neste mesmo grupo.<sup>14</sup>

Neste sentido o futebol é capaz de proporcionar diversos sentimentos. Ser torcedor é mais do que torcer por determinado clube, é viver de emoções, paixões. Enfim, é participar de um universo amplo e complexo de relações sociais:

O futebol é, sem sombra de dúvida, o desporto mais popular em todo o mundo. É como o afirmou Lawrence Kitchin no distante ano de 1966, o único ‘idioma global’ para além da ciência. Para fazermos uma idéia do que levou este desporto a ocupar a primazia no panorama mundial, basta vermos que quando a FIFA iniciou as suas actividades em 1904, o fez graças à adesão de somente sete associações nacionais, todas elas europeias. Contudo, em 1986 o número de membros ascendia já a 150, originários de todas as partes do globo. Podemos, pois concluir que o futebol, enquanto desporto

---

<sup>14</sup> LUCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social**. Dissertação de mestrado - PUC/São Paulo. 1998, p. 14.

organizado é hoje jogado na grande maioria das nações do planeta [...] (MURPHY, P.; WILLIAMS, J.; DUNNING, E. *apud* LUCCAS, 1998, p. 20).

Se levarmos em consideração a sua popularidade e a sua capacidade de influenciar a população, o futebol pode ser considerado o maior e mais praticado esporte do mundo. São raros os países que não possuem o futebol como uns dos principais esportes. Grande parte da população mundial rendeu-se aos seus encantos. É interessante como existem mais “países filiados a Federation International Football Association<sup>15</sup> (FIFA), do que filiados a própria Organização das Nações Unidas<sup>16</sup> (ONU).”<sup>17</sup>

Isso mostra o grande fascínio provocado por esse esporte, o importante espaço que o mesmo ocupa na formação da cultura e da identidade nacional.

Com relação à gênese desse esporte, há vários relatos da existência do futebol na antiguidade, neste período já era possível perceber a relação do homem com a bola. A história do futebol, além de antiga, possui grande diversidade quando relacionada ao futebol moderno. “Desde os primórdios dos agrupamentos humanos, os indivíduos desenvolveram o hábito de chutar um objeto redondo” (LUCCAS, 1998, p. 22). Os objetivos durante essas “disputas” estavam relacionadas aos rituais de guerra e cerimoniais, sua organização e regras possuíam influências “políticas, militares e econômicas.”<sup>18</sup> Esses rituais possuíam intensos significados culturais.

Maurício Murad<sup>19</sup>, no livro *Dos pés a cabeça. Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*, nos mostra as ancestrais formas desse esporte durante a antiguidade.

O *Tsü Tsü* era um ritual de guerra da Antiga China, onde as cabeças do chefe e dos guerreiros inimigos da aldeia derrotada eram chutadas:

Este ritual sagrado era praticado a partir da crença de que haveria a assimilação pelos pés (base do corpo, lugar da vida) das características dos guerreiros

<sup>15</sup> Entidade que dirige e organiza o futebol no mundo desde 21 de maio de 1904. Sete países foram responsáveis por sua fundação: França, Holanda, Bélgica, Suíça, Espanha, Dinamarca e Suécia. Em 1905, cogitou-se a realização da primeira Copa do Mundo, porém, não houve nenhuma inscrição. Antes da realização do primeiro mundial em 1930 no Uruguai, nos jogos Olímpicos o campeão era considerado campeão mundial, foram eles: Inglaterra, Bélgica, Uruguai e Hungria por duas vezes, Itália, Suécia, URSS e Iugoslávia. Somente em 8 de setembro de 1928, ficou decidido como seria a realização da Copa do Mundo. O torneio deveria ser disputado a cada quatro anos. BAES, Renato. **Corumbá: Futebol & copas – História de todas as copas do mundo**. Bauru: Tilibra, 1966, p. 148-149.

<sup>16</sup> Fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, possui como uns dos seus objetivos a realização da paz mundial e o progresso social.

<sup>17</sup> MELO, Victor Andrade de. **Cinema e esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006, p. 15.

<sup>18</sup> A História do futebol: um espelho da história do Brasil, p. 54. Disponível em: [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410663\\_06\\_cap\\_04.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410663_06_cap_04.pdf). Acesso em 27 de Dezembro de 2010.

<sup>19</sup> Sociólogo. Coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Considerado um dos primeiros a estudar o impacto que o futebol pode ter na sociedade, bem como o impacto da sociedade no futebol.

derrotados. Além desta assimilação, o ritual era uma forma de absoluto respeito e reverência às vítimas, já que lhes era vedada a vergonhosa condição de prisioneiros. As características assimiladas eram as que estavam presentes nas cabeças dos escolhidos como mais valentes ou do chefe da tribo: inteligência, coragem, força, habilidade, liderança e respeitabilidade.<sup>20</sup>

O *Kemary*, praticado no Japão, possuía aspecto cerimonial, celebrava o autoconhecimento, o autocontrole com o objetivo de autodisciplina dos “jogadores”. “[...] cerimonial de forte teor pedagógico e intensa e reconhecida qualidade estética, praticado desde o século XXVI a.C” (MURAD, 1996, p. 85).

Considerado um espetáculo sagrado o *Tlachtli*, (forma ancestral de futebol na América pré-hispânica), representava a eterna guerra entre a luz e a escuridão. No final do jogo/cerimônia, um dos jogadores, como forma de oferenda aos deuses, era decapitado e seu sangue era utilizado para divinizar o espaço.

*Carreira de bola*, também praticado na América pré-hispânica, era uma espécie mais avançada se comparada com o *Tlachtli*, porém perde o caráter cosmológico, uma vez que era utilizado para a resolução de problemas políticos, militares e econômicos.

O *Epyskiros* (praticado na Grécia) e o *Harpastum* (praticado em Roma). Inicialmente praticados pela aristocracia, posteriormente pelo povo nas festas em homenagem ao deus do vinho. “Nesses jogos, uma bola de couro cru devia ser transportada, preferencialmente com os pés, à área defendida pela equipe adversária.” (MURAD, 1996, p. 87).

Ritual de lazer da nobreza italiana o *Calcio*, tinha como objetivo fazer uma bola de couro cheia de ar passar por cima da trave adversária.

A meu ver se comparamos essas formas embrionárias de futebol com o considerado “futebol moderno”, o praticado nos séculos XX e XXI, muita coisa permaneceu igual. Ele foi e ainda é influenciado por motivos políticos, econômicos e sociais. Não é usado como ritual de guerra, se considerarmos a palavra no sentido de luta armada, mas pode assim ser comparado, a partir do momento que é necessário vencer o inimigo/partida.

Para Roberto Ramos<sup>21</sup> o futebol possui mais destaque que muitos problemas sociais, políticos e econômicos. As partidas são consideradas por ele guerras civis e os times partidos políticos. Desse modo, para ele, o futebol nada mais é do que uma “ideologia do poder”.

<sup>20</sup> MURAD, Maurício. **Dos pés a cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 84.

<sup>21</sup> RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

Muitos historiadores atribuem à origem do futebol moderno a Inglaterra. Em 26 de outubro de 1863, o futebol foi então organizado e regulamentado, com a fundação em Londres da *Football Association*:

Definem um pequeno código de regras básicas para o esporte, que irá sofrendo alterações ao longo dos anos, e definem as formas de disputa do jogo. A delimitação de onze jogadores em campo surge em decorrência da quantidade de escolas e universidades que tinham este esporte sendo praticado no seu interior (LUCCAS, 1998, p. 31).

Em conseqüência da sua popularidade, acaba tornando-se vulnerável a algumas articulações políticas, firmando-se como um esporte burguês. Segundo Carlos Alberto Pimenta<sup>22</sup>, no início do capitalismo o futebol possuiu o objetivo de diversão burguesa, transformado posteriormente por força dos interesses do Estado Inglês na maior tradição popular da Inglaterra.

Essa breve apresentação da origem do futebol se fez necessária para que pudéssemos compreender que desde os primórdios o futebol foi objeto de interesses em diversos setores das sociedades em que esteve inserido, mostrando assim que os seus significados estão além de uma simples partida de futebol. Os interesses passam a ser mais importantes e necessários do que a diversão e o lazer que o esporte é capaz de proporcionar.

Sem dúvida somos considerados o país do futebol, o país das maiores e mais importantes conquistas, mas, como já foi dito anteriormente, este esporte tão estimado por nós foi organizado e regulamentado pelos ingleses, sendo oficialmente introduzido no país por Charles Miller:

A história oficial da origem do futebol no Brasil nos conta que o paulistano do Brás, Charles Miller, é o responsável direto pela introdução da instituição do futebol. Nascido em 1874 e filho de ingleses e escoceses foi, aos nove anos de idade, estudar na Inglaterra. Retornou ao Brasil em 1894 trazendo em sua bagagem duas bolas para a prática de futebol, de fabricação inglesa, da marca Shoot, dois uniformes completos, uma bomba de ar, uma agulha e um pequeno livro contendo as regras básicas – tais como haviam sido definidas poucos anos antes pela Federação Inglesa de Futebol – além das experiências que teve como jogador de futebol nas escolas inglesas pelas quais passou. (LUCCAS, 1998, p. 34)

Vale ressaltar que existem outras versões sobre o início deste esporte no nosso país. De acordo com a dissertação de mestrado desenvolvida por Alexandre Nicolau Luccas, há algumas versões que atribuem aos índios o primeiro jogo de futebol realizado no país.

---

<sup>22</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais.** Taubaté: Vogal Editora, 1997.

Segundo ele, esta versão não pode ser minimamente negligenciada devido ao seu caráter explicativo da influência que o futebol exerce na cultura e das próprias transformações em terras brasileiras.

Outra versão apresentada por este autor foi baseada no livro *Futebol: ideologia do poder*, de Roberto Ramos, segundo o qual antes de Charles Miller retornar da Inglaterra, em 1872, alguns marinheiros ingleses chegaram ao Rio de Janeiro e realizaram as primeiras partidas. Em outros registros há a afirmação de que o futebol já era praticado por funcionários das fábricas de origem inglesa que aqui existiam.

Sabemos que existem diversas versões sobre determinados acontecimentos, contudo, sabemos que a história oficial está sempre ligada aos interesses políticos e sociais. A memória oficial não seria capaz de reconhecer uma versão “marginalizada” do futebol no nosso país, não sendo capaz de nos apresentar concepções alternativas sobre o primeiro jogo em território brasileiro. Esta memória atribuiu a Charles Miller a responsabilidade direta pela introdução da instituição do futebol.

Inicialmente, além de amador, o futebol era permitido no nosso país apenas aos homens brancos, sendo que para os demais brasileiros, que não faziam parte da elite da época<sup>23</sup> essa prática esportiva era proibida. Sua popularização ocorre na década de 20, a partir da inserção de negros e pobres, que viam neste esporte uma possibilidade concreta, ainda que restrita a alguns, de ascensão social:

[...] a participação de negros no esporte foi responsável pela aproximação das camadas sociais mais humildes aos jogos de futebol. Cor da pele, ligada às condições econômicas e a oportunidade de se tornarem “iguais” de alguma forma, mesmo que momentâneo e simbólico. (SILVA, 1998, p.23)

Com a popularização de esporte e “[...] por pressão da imprensa, a Federação Brasileira de Sports,<sup>24</sup> autorizou formalmente os clubes e entidades regionais a aceitarem negros.”<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Estou me referindo ao início do século XX, quando os clubes que participavam de alguns campeonatos amadores não possuíam em seu elenco jogadores negros e pobres. “Essa situação que caracteriza o futebol como um esporte elitista e racista permanece ao longo de mais de três décadas. Aos poucos com a competitividade dos times e a criação de alguns outros times (Corinthians e Vasco, por exemplo) de origem popular, o futebol ganha outros contornos.” LUCAS, Alexandre Nicolau, Op. cit., p. 38. “O Clube de Regatas Vasco da Gama [...] foi o primeiro clube a permitir jogadores negros em seus times.” **A História do futebol: um espelho da história do Brasil**, p. 57.

<sup>24</sup> A Federação Brasileira de Sports foi fundada em 1914. Em 1979, passou a se chamar Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Responsável pela organização dos campeonatos nacionais (Campeonato brasileiro e Copa do Brasil), como também por administrar as seleções femininas e masculinas de futebol. Disponível em: [www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br). Acesso em: 30 de dezembro de 2010.

<sup>25</sup> **A História do futebol: um espelho da história do Brasil**, p. 56/57.

A aceitação de negros estava então, condicionada às suas habilidades e capacidades em contribuir para a vitória, sucesso de cada equipe. As equipes, que antes possuíam somente brancos no “elenco”, passaram a ver nos negros uma condição favorável à prática esportiva e possibilidade de melhoria com a sua inclusão durante as partidas.

Segundo alguns autores, essa aceitação ocorreu porque alguns times de origem popular, como o Vasco da Gama, passaram a ganhar alguns títulos. Desse modo, os outros clubes viram nesta “atitude social” um meio para garantir conquistas posteriores.

O fim do amadorismo no Brasil é atribuído, por alguns autores, ao cenário político da década de 30, bem como à ruptura com as antigas oligarquias rurais, uma vez que neste período a ditadura varguista, apoiada pelos militares e oligarquias que comandavam o país, se tornou responsável por algumas leis trabalhistas<sup>26</sup>, que tinham como objetivo a redução da autonomia regional em nome da unidade nacional.

Em busca da profissionalização dos atletas, os clubes brasileiros entraram em conflito com a Confederação Brasileira de Desporto<sup>27</sup>, que insistia na continuação do amadorismo. A profissionalização era almejada tanto pelos clubes quanto pelos torcedores. Os clubes estavam perdendo os seus jogadores para a Europa<sup>28</sup>, que já havia profissionalizado os seus atletas, e os torcedores queriam os melhores jogadores nos seus times.

Assim, a década de 30 foi marcada pela profissionalização e conscientização do valor do jogador de futebol e a realização da primeira copa do mundo, em 1930, no Uruguai, com a participação de atletas profissionais.

A realização do campeonato mundial no Uruguai foi consequência de alguns fatores. A FIFA, segundo Orlando Duarte<sup>29</sup>, concedeu ao Uruguai a realização do torneio devido às conquistas olímpicas<sup>30</sup> e também como uma homenagem ao centenário da Independência política do país.

É importante lembrar que neste período havia grandes dificuldades de transporte, os jogadores das seleções européias passaram dias dentro de navios até chegar ao Uruguai; outro fator que ocasionou a ausência de várias seleções européias foi à liberação de jogadores

---

<sup>26</sup> A constituição de 1934 foi responsável pela concessão de direitos trabalhistas como o salário mínimo. Além de algumas garantias “democráticas” como o voto feminino e o voto secreto.

<sup>27</sup> Entidade fundada em 06 de Novembro de 1915, responsável pela organização de todos os esportes da época.

<sup>28</sup> A profissionalização do futebol na Europa ocorreu a partir de 1924 em países como a “Áustria, Hungria, Espanha e Itália.” **A História do futebol: um espelho da história do Brasil**, p. 60.

<sup>29</sup> DUARTE, Orlando. **Enciclopédia – Todas as copas do Mundo**. São Paulo: Makron Books, 1998.

<sup>30</sup> A seleção celeste, como é conhecida a seleção uruguaia, foi bicampeã olímpica nos anos de 1924 na França e em 1928 na Holanda.

para representar as seleções dos seus países, uma vez que devido à profissionalização do esporte “os clubes não queriam ficar sem os seus jogadores” (DUARTE, 1998, p. 12).

No Brasil, a rivalidade regional e as disputas internas entre a CBD e a APEA, (Associação Paulista de Esportes Atléticos), foram responsáveis pela ausência de alguns bons jogadores, principalmente paulistas.

Foram formados quatro grupos, os vencedores seriam classificados para as semifinais. Dessa forma, os vencedores das semifinais disputariam a final da Copa.

Diferentemente do que acontece hoje, quando as seleções devem participar de eliminatórias nos seus continentes e apenas os melhores colocados conseguem classificação para o torneio, naquela época os países eram convidados. Apenas quatro europeus (Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia), dois representantes da América do Norte (Estados Unidos e México) e sete sul-americanos (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai).

A participação da seleção brasileira foi discreta, não conseguimos classificação para as semifinais, jogamos apenas dois jogos, perdemos na estréia, para a Iugoslávia por dois a zero, e ganhamos de quatro a zero da Bolívia. O Brasil terminou o torneio em sexto lugar e o campeão desse mundial foi o Uruguai.<sup>31</sup>

A campanha fraca do Brasil é considerada por muitos autores consequência de disputas políticas dentro das entidades (federações e clubes) responsáveis pela organização do esporte. Havia luta pelos diversos interesses enquanto os interesses do esporte ficavam em segundo plano. Assim, a maioria dos jogadores brasileiros era de times cariocas, “apenas um paulista, Araken Patuska, jogador do Santos, quis participar, por decisão própria”(DUARTE, 1998, p. 12). Outros jogadores paulistas foram convocados, todavia, não foram liberados.

O segundo campeonato mundial foi realizado na Itália, em 1934. O Brasil ainda vivia crises internas e os representantes brasileiros foram os jogadores do Botafogo e apenas quatro representantes paulistas. Neste mundial o sistema de disputa por eliminatórias, para conseguir uma vaga no mundial, foi implantado. Foram 32 inscritos e 16 classificados. Desses dezesseis, oito foram classificados para as quartas de final. O Brasil não conseguiu classificação para a outra fase. A Espanha desclassificou o Brasil pelo placar de três a um. A participação brasileira foi pior do que no mundial passado, ficamos em décimo quarto na classificação geral do campeonato.

A Itália sagrou-se campeã mundial derrotando a Tchecoslováquia pelo placar de um a zero.

---

<sup>31</sup> DUARTE, 1998, p. 12.

Esse mundial, podemos dizer, foi o primeiro a usar o futebol para fortalecimento de um regime político e para legitimar as suas ações. Alguns autores afirmam que esse mundial pode ser considerado um mundial político, visto que a conquista pela Itália, não estava relacionada com uma vitória esportiva, era a oportunidade de promover uma festa política. Segundo Orlando Duarte, o triunfo nos gramados serviria também para associá-lo à força do fascismo<sup>32</sup> em ascensão e assim foi feito, exaltação do país e da raça como supremas, considerando os demais inferiores.

A década de 30, bem como as posteriores, foi constituída pela presença marcante do nacionalismo aplicado diretamente pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas. Buscava-se atingir a população brasileira, principalmente a classe trabalhadora, a partir da construção de uma identidade nacional que deveria estar diretamente vinculada aos princípios varguistas. Segundo Maria Helena Rolim Capelato, construção de uma identidade nacional que conseguisse atingir o maior número de brasileiros estava relacionada à difusão de ideias ligadas a Vargas, à sua imagem, e era realizada através dos meios de comunicação em massa, eventos esportivos e manifestações culturais, marcados por uma forte e rígida fiscalização por parte das autoridades estatais.

Nesse sentido, o futebol, bem como as prática esportivas, passou a ser visto como importante ferramenta de manobra, elemento de manipulação. Torna-se um aparelho ideológico do Estado, com a finalidade de impor uma consciência imaginária afim de atingir os ideais nacionalistas. Por isso, nos “(...) estádios além das partidas de futebol, eram realizadas cerimônias cívicas. Nestes eventos era difundida a ideologia trabalhista, valorização da ordem, disciplina e nacionalismo.”<sup>33</sup>

Maria Helena Rolim Capelato nos mostra como foram construídas as cerimônias políticas nas quais a população passava a se reconhecer perante a pátria e a projetar os seus heróis, mostrando assim todo o seu amor à pátria:

Na cerimônia política projetada pelo Estado Novo, a ideologia do regime foi divulgada de maneira intensa pelas teatralizações públicas voltadas a multidão, onde ideais e conceitos eram convertidos em imagens e símbolos significantes à massa populacional. (CAPELATO, 1998, p. 36)

<sup>32</sup> Regime totalitário iniciado em 1919 na Itália. Possuía como uma das suas características o nacionalismo, unipartidarismo e foi representado por Benito Mussolini.

<sup>33</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses. Futebol, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 *apud* PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: O futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação de Mestrado – História Social - USP. São Paulo, 2009, p. 30.

É importante ressaltar que o Estado Novo, para legitimar as suas ações, buscou construir uma nação brasileira, “moderna e indivisível, no qual se apoiava em princípios elitistas, conservadores, nacionalistas e autoritários.”<sup>34</sup> Segundo Melina Pardini, o elitismo contribuiu para as teorias de um governo pela maioria. O conservadorismo criou uma concepção de mundo na qual a ordem, a hierarquia e a tradição possuíam papel preponderante. O nacionalismo e o autoritarismo foram responsáveis pela formação do estado nacional baseado nos ideais de justiça e de democracia social.

Ainda na busca de uma nação unificada, para assim alcançar os objetivos nacionalistas, uma parcela da população da época em questão foi atingida com proibições, perseguições e decretos. Foram os imigrantes, que tiveram a sua participação política vetada para que fossem limitadas as suas ações em território nacional.

O decreto – Lei n. 383<sup>35</sup>, [...] proibição em organizar e criar sociedades, fundações e clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda e a difusão, entre os seus compatriotas de idéias, programas ou normas de ação de partidários políticos do país de origem. [...] quaisquer estabelecimentos desta natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção.<sup>36</sup>

Essas proibições visavam impedir as manifestações culturais e sociais dos países de origem desses imigrantes, que para o governo poderiam atrapalhar o projeto de unidade nacional. Essas manobras visavam então o fortalecimento da nação brasileira a partir da influência de Vargas.

O campo esportivo também foi alvo dessas interferências. Buscou-se normatizar a prática esportiva brasileira e o controle ideológico do estado sobre o esporte; as práticas esportivas passam a ser fiscalizadas e orientadas, com o objetivo de manter a disciplina e a ordem.

O Conselho Nacional de Desportos (CND)<sup>37</sup>, segundo Rafael Luís Macedo<sup>38</sup>, mostra o caráter autoritário do governo, visto que era explícito o seu papel assumido de

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria Castro. **Estado Novo. Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 15 *apud* PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. Futebol e o projeto de unidade nacional no Estado Novo (1937-1945). **X Simpósio Internacional. Processo Civilizador**. Campinas, 2007, p. [?]

<sup>35</sup> Em 18 de Abril de 1938, entrou em vigor o Decreto- Lei nº 383. No qual era proibido o exercício de qualquer atividade de natureza política direta ou indiretamente por estrangeiros fixados ou em caráter temporário no território nacional.

<sup>36</sup> Art. 2º - Decreto-Lei n. 383, de 18 de Abril de 1938. Disponível em:

<http://www.futebolesociedade.com.br/download/287c18ca3f4956603ac1.pdf>. Acesso em: 04 de Janeiro de 2011.

<sup>37</sup> O Conselho Nacional de Desportos foi criado em 1941, tinha como objetivo a imposição da ordem nas práticas esportivas. Ordem essa relacionada com os princípios do Estado Novo.

controle político e social da prática esportiva. Assim, a partir dos incentivos federais a prática esportiva passa a ser disciplinada e vigiada, a preocupação primordial estava concentrada na manutenção do poder político por meio de negociações e acordos. Decisões em prol do esporte ficariam obviamente em segundo plano.

Em ano de Copa do Mundo, nós brasileiros mostramos todo o nosso amor ao país através da exposição da bandeira e do hino nacional. Durante o Estado Novo, esses símbolos também estiveram presentes, uma vez que o governo as utilizou em várias ocasiões esportivas com o objetivo de explorar cada vez mais o sentimento de união pelo Brasil, de busca coletiva de um bem comum: “lutar” pelo progresso do país para além das questões esportivas.

O líder político e carismático passa então a ser símbolo da coletividade, o trabalhador brasileiro passa a construir e expressar a nova ordem, fazendo assim, parte de uma construção ideológica. O futebol, elemento importante da cultura popular brasileira, começa então ser usado no projeto de unidade nacional: “O futebol foi reconhecido pelos novos governantes como um poderoso elemento manipulador da massa e a seleção brasileira como um símbolo catalisador da nacionalidade.” (FRANCO JÚNIOR *apud* PARDINI, 2009, p. 19)

Desse modo, a imagem do governo estava sempre vinculada ao futebol, bem como aos seus jogadores que passaram a ter sua imagem associada a trabalhadores que buscavam o bem da nação brasileira. As vitórias alcançadas nos gramados eram transferidas para vários setores da sociedade, eram feitas várias associações com o governo.

A partir de 1937, direta e objetivamente, o governo federal e os ideólogos do (Estado Novo) regime instaurado concebiam o esporte como prática que deveria estar fundamentalmente a “serviço da pátria”. Para tanto, invariavelmente se creditava a esse governo, os avanços do esporte. (SILVA, 1998, p. 165)

Segundo Joel Wolf<sup>39</sup>, Getúlio Vargas com a sua imagem vinculada ao esporte passa a ser considerado o seu patrono, conferindo-lhe a condição de pai. Essa condição lhe foi atribuída nos mais distintos aspectos. A esse respeito muitos “mitos” foram criados para garantir o prestígio do povo brasileiro e para legitimar o seu governo: “Vargas o condutor do povo”, “Vargas pai dos cidadãos brasileiros”. Essa relação de “afetividade” estabelecida na relação entre o líder e massa e o domínio do chefe político sobre a multidão, segundo

---

<sup>38</sup> MACEDO, Rafael Luís. O esporte no Estado Novo: vigilância, formação, e controle em época de guerra. **I Encontro da ALESDE. Esporte na América Latina: atualidade e perspectiva**. Curitiba, UFPR, 2008.

<sup>39</sup> WOLF, Joel. Pai dos pobres ou mãe dos ricos? Getúlio Vargas, industriários e construções de classes, sexo e populismo em São Paulo, 1930 – 1954. In: **Revista Brasileira de História**, n. 27, 1994. p. 27-60 *apud* SILVA, Eliazar João da. Op. cit., p. 173.

Capelato, possuíam o mesmo sentido do domínio exercido pelo chefe de família, o patriarca, sobre os demais membros.

Outro exemplo de vinculação da sua imagem ao futebol, que está presente nos diversos autores pesquisados, foi a nomeação da sua filha Alzira Vargas para ser madrinha da seleção brasileira que iria disputar a copa do mundo de 1938 na França.

Segundo Denaldo Alchorne de Souza<sup>40</sup>, no trabalho “Futebol e resistência cultural no Primeiro Governo Vargas (1930-1945),”<sup>41</sup> a seleção brasileira seria o veículo perfeito para se concretizar a idealização de democracia social do Estado Novo:

[...] em 1938, participou ativamente dos preparativos para a Copa do Mundo de Futebol a ser disputada na França prometendo, inclusive, casa própria para os craques, o prêmio oferecido pelo chefe da nação se o Brasil levantar o campeonato mundial. Antes de embarcar, Getúlio Vargas fez questão de receber a seleção e recomendou aos jogadores que voltassem como campeões mundiais, pois, o título, seria de suma importância para o futuro do país.<sup>42</sup>

Em 1938, então, foi realizado o terceiro mundial, no qual a Itália conseguiu o bicampeonato. Na fase de classificação foram inscritos 36 países, sendo que 14 foram classificados. O Brasil foi classificado devido à desistência da Bolívia

Neste campeonato o Brasil realiza uma boa campanha, ficando em terceiro lugar. Essa boa colocação é atribuída ao fim das brigas internas, neste período a CDB pôde contar com os melhores jogadores. Uma seleção que, apesar da pouca experiência em jogos internacionais, estava “bem preparada e em condições de obter o título máximo” (BÁEZ, xxxx, p. 156).

Nas oitavas-de-final a seleção enfrentou a Polônia e venceu por seis a cinco. Leônidas da Silva<sup>43</sup> marcou quatro dos seis gols e foi o artilheiro do mundial com sete gols. Nas quartas-de-final aconteceram dois jogos, possibilitando que os classificados para disputar as semifinais fossem conhecidos. Visto que a primeira partida realizada no dia 12 de junho acabou empatada, dois dias depois foi realizado jogo de desempate, neste jogo conseguimos

<sup>40</sup> Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor do Instituto Federal Fluminense (IFF).

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd131/futebol-e-resistencia-cultural-no-primeiro-governo-vargas.htm>. Acesso em 02 de Janeiro de 2011.

<sup>42</sup> Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd131/futebol-e-resistencia-cultural-no-primeiro-governo-vargas.htm>. Acesso em 02 de Janeiro de 2011.

<sup>43</sup> Apelidado de “Diamante negro”. Foi considerado o principal jogador do mundial e o jogador de maior identificação popular. “Leônidas, sem sombra de dúvidas, um autêntico ídolo das massas. Raras vezes, alguém terá sido tão prodigalizado pela curiosidade popular como vem acontecendo com o “diamante negro” desde o primeiro encontro com a gente de sua terra. [...] eis que a multidão tomou em seus braços o artilheiro-mor do Campeonato Mundial, promovendo-lhe insuperável apoteose”. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd131/futebol-e-resistencia-cultural-no-primeiro-governo-vargas.htm>.

vencer por dois a um, com gols de Leônidas e Roberto.<sup>44</sup> O sonho de ser campeão do mundo acabou em 16 de junho, quando perdemos para a Itália por dois a zero, que após vitória por quatro a dois sobre a Hungria tornou-se bicampeã mundial. O terceiro lugar brasileiro foi alcançado no dia 19 de junho. “Mostrando uma superioridade técnica” (DUARTE, 1998, p. 60), vencemos a Suécia pelo placar de quatro a dois. Gols de Leônidas, Romeu<sup>45</sup> e Perácio.<sup>46</sup>

A boa colocação da seleção brasileira nesse mundial foi vista com “bons olhos” pelo poder público, uma vez que utilizou a conquista do terceiro lugar na França para relacionar jogadores e o futebol com a nação, forte e vitoriosa; as conquistas nos gramados e o bom desempenho dos jogadores foram associados diretamente às ações políticas que, segundo o governo, visavam o bem da nação e dos brasileiros. A boa colocação da seleção brasileira foi então associada à prosperidade e ao crescimento do país. O futebol foi visto como um importante instrumento para o futuro do país, bem como a propaganda política que se fez a partir dele.

“Os jogadores dessa seleção passaram a desempenhar o papel de verdadeiros embaixadores brasileiros.”<sup>47</sup> Sua imagem foi vinculada a heróis, tornando-se instrumentos eficazes para atingir o imaginário popular; homens capazes de se tornarem marcos, símbolos de uma vitória, em busca da legitimação nacional. O culto a esses heróis/jogadores buscava sensibilizar a população brasileira, mostrando que eles representavam a face de uma nação vitoriosa tanto nos gramados quanto no campo político, social e econômico, um modelo a ser seguido, com personalidades e comportamentos que faziam referências ao Estado:

Os patriotas deveriam se contrapor aos indiferentes e aos inimigos da pátria. Os que ignoravam os feitos heróicos da história brasileira não dispunham de instrumentos para forjar, internamente, um sentimento de amor e orgulho do Brasil. (SILVA, 1998, p. 172)

Considera-se que somente a partir das intervenções do Estado Novo seria possível fazer do esporte nacional um instrumento a serviço da pátria.

Vale dizer que a respeito da questão dos jogadores serem colocados como heróis, muitas personalidades da literatura brasileira demonstraram suas opiniões, alguns a favor do esporte e a imagem atribuída a esses jogadores e outras não tão favoráveis.

Lima Barreto e Graciliano Ramos, apesar de serem opiniões construídas durante as duas primeiras décadas do século XX, quando o futebol ainda não era tão popular, acredito

<sup>44</sup> Roberto Emílio da Cunha, jogador do São Cristóvão.

<sup>45</sup> Romeu Pelliciani, jogador do Fluminense.

<sup>46</sup> José Perácio, jogador do Botafogo.

<sup>47</sup> **A História do futebol: um espelho da história do Brasil**, p. 64.

ser importante mostrar os seus descontentamentos com relação ao futebol. Ambos faziam críticas severas ao esporte, pois, segundo eles proporcionava males à sociedade brasileira, sobretudo aos negros e aos mais pobres. Graciliano não via nenhuma utilidade no esporte e o considerava “fogo de palha”<sup>48</sup>

Lima Barreto afirmava que:

[...] ao cultivar o amor à luta e à competição, o esporte dividiria os homens e os povos, tecendo animosidades entre eles. Barreto chamava atenção também para o perfil discriminatório da prática e dos discursos em torno do futebol. Apontava que, diante do público internacional, o país deveria fazer-se representar apenas por meio de jogadores que detivessem a “capacidade physica dos reprodutores de espécie [...]”<sup>49</sup>

Assim sendo, futebol para ele era visto com ironia e rancor, considerava um esporte violento dentro e fora dos gramados. Ainda neste período Olavo Bilac, manifestava o seu apoio às práticas esportivas e apresentava os benefícios que elas podiam proporcionar.

Autores como Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues também fizeram referência ao futebol em seus trabalhos, mostrando todo o seu amor a esse esporte tão estimado pela população brasileira. Seus trabalhos não faziam uma crítica ao futebol, faziam uma relação deste com a sociedade brasileira, mostrando o que este representa para eles, bem como para a sociedade em que estavam inseridos.

Drummond é autor de diversos artigos, crônicas e poesias sobre o futebol, nas quais o esporte considerado paixão nacional foi representado a partir de “críticas, ironias e através de um paralelo da política do país em variados momentos, períodos que coincidem as copas mundiais.”<sup>50</sup> Em seus trabalhos foi capaz de associar o futebol e a política do país, já que os agentes políticos sempre quiseram usar o futebol para “esconder” os maus momentos da política, “mascarar” os conflitos existentes entre os diferentes setores da sociedade e para legitimar as suas ações por meio das grandes vitórias e conquistas nos gramados. Para ele o futebol nada mais era que um “ato de amor”.

Nelson Rodrigues “identificou no futebol a beleza do imponderável, a expressão dos dramas e alegrias da vida” (PARDINI, 2009, p. 09). O seu maior interesse voltava-se para o responsável pelo “espetáculo”, o homem brasileiro. Saudava as conquistas brasileiras em copa do mundo de forma patriótica, considerava as vitórias como se fossem a saúde do povo

<sup>48</sup> **A História do futebol: um espelho da história do Brasil**, p. 58.

<sup>49</sup> **A História do futebol: um espelho da história do Brasil**, p. 60.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/cultura/trint3/cultura2.htm>. Acesso em: 04 de Janeiro de 2011.

brasileiro.<sup>51</sup> Sempre buscando um herói entre os brasileiros, Nelson Rodrigues na maioria das suas crônicas esportivas, enaltece um personagem, aquele que era nomeado o “personagem da semana”, aquele que segundo ele “é a figura capaz de traduzir o símbolo pessoal e humano da batalha.”<sup>52</sup> Na edição especial do Jornal da Manhã – Manchete Esportiva – Janeiro de 1959<sup>53</sup> vai além do personagem da semana, ele elege o seu “personagem do ano”, aquele que considerava inesquecível, imortal:

[...] mas reparem: - é um gênio indubitável. Digo e repito: - Gênio. Pelé podia virar-se para Miguel Ângelo, Homero ou Dante e cumprimentá-los, com íntima efusão: - “Como vai colega?”[...] e que coisa mais confortável para nós brasileiros, saber que temos um patricio assim genial e assim garoto.<sup>54</sup>

Assim sendo, é possível perceber que em suas crônicas o autor procura valorizar as vitórias do “escrete”<sup>55</sup> e a nação brasileira, e ainda era capaz de se mostrar insatisfeito não com as derrotas, mas sim com a condição de inferioridade presente em alguns momentos: [...] ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bom.”<sup>56</sup>

Com tons dramáticos, se apegando em detalhes de determinadas partidas mostra para “a pátria em chuteiras” as qualidades que segundo ele somente o homem brasileiro possuía.

A apresentação e a relação desses autores com o futebol foi necessária, a meu ver, para mostrar que o futebol é capaz de despertar os mais diferentes sentimentos e opiniões. Se alguns não o viram com bons olhos por considerá-lo discriminatório e um mal para a sociedade, outros foram capazes de mostrar toda a sua admiração, não esquecendo que possui características que vão além de partidas e que foram usados para legitimar determinadas ações. Também há a construção de imagens, heróis e mitos, porém sem a preocupação em favorecer, enaltecer, determinado governo ou ações, buscavam valorizar, mostrar as melhores e únicas qualidades que somente um brasileiro possuía.

Alguns valores da cultura brasileira foram criados e sedimentados pelo governo, o futebol a “serviço da pátria”, símbolo da identidade nacional, fazendo parte da busca de um

<sup>51</sup> Comentário feito a partir da leitura da obra RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. Org. Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>52</sup> Idem, Ibidem, p. 47.

<sup>53</sup> Idem, Ibidem, p. 53/54/55.

<sup>54</sup> Idem, Ibidem, p. 54.

<sup>55</sup> Nelson Rodrigues denominava assim a seleção brasileira, pois para ele a mesma era formada pelos melhores atletas do mundo.

<sup>56</sup> RODRIGUES, Nelson. Op. cit., p. 18.

homem patriótico, que fosse forte, saudável, que trabalhasse em prol do Estado, enfim, um vencedor. As suas “conquistas” eram consequência e reflexo de um governo bom que trabalhava para o bem de uma sociedade que necessitava da sua tutela.

As atividades esportivas, principalmente o futebol foram utilizados e bastante explorados na construção de um “novo homem”, capaz de representar e fazer valer o “Brasil Novo”, tal era objetivo do poder público. Segundo Eliazar João da Silva, este “Brasil Novo”, “forte” e “saudável”, seria conquistado a partir do momento que despertasse nos cidadãos o ideal do civismo, da moral, do bom desempenho físico e do sentimento patriótico a partir da prática esportiva, que foi amplamente motivado pelo Estado Novo.

Assim, buscavam “a moralização do corpo pelo exercício físico, a ação do Estado sobre o preparo físico e suas representações no mundo do trabalho.”<sup>57</sup> Buscando legitimar as suas ideologias, Vargas encontrou no futebol um valioso instrumento para a construção do projeto de unidade nacional. A atividade esportiva passa a ser vista não somente como lazer e diversão, nela estavam inseridos outros significados, o seu caráter educacional, os benefícios alcançados com a prática e o fortalecimento da população e em consequência da nação. A atividade física significaria então para esse governo “o corpo da nação” que deveria ter o acompanhamento e a intervenção do Estado, uma vez que o Estado buscava o “homem novo”, através da valorização do trabalho, somente a partir da construção de um corpo forte ligado diretamente a uma nação sólida seria possível o aperfeiçoamento da “raça” brasileira (projeto de eugenia).

O fortalecimento da “raça brasileira”, associado ao ideal da valorização da atividade esportiva, durante o Estado Novo, caracterizou a orientação do poder público com vistas à construção do chamado “homem novo”: trabalhador consciente do sentimento do patriotismo, educado de acordo com as novas propostas pedagógicas que legitimavam o Estado, receptivo e apto às perspectivas da eugenia como sentido da “grandeza da nação.” (LENHARO, 1986, p. 77-78)

Dessa forma, o poder público, partindo do princípio dos benefícios da prática esportiva e das consequências que esta traria para a nação, incorporou o futebol como símbolo da identidade nacional.

O futebol se constituiu como elemento fundamental para fazer com que o povo brasileiro, os “trabalhadores do Brasil”, buscasse um bem comum: uma nação forte, baseada nos princípios varguistas, numa cultura política que seria capaz de proporcionar o

---

<sup>57</sup> LENHARO, Alcir. **Sacralização política**. Campinas: Papirus, 1986, p.77-78 *apud* SILVA, Eliazar João da. Op. cit., p. 149.

desenvolvimento e o progresso. As competições esportivas realizadas com outros países também foram usadas como forma de divulgar a prática esportiva. As vitórias obtidas eram associadas aos resultados políticos do país. Os avanços sociais, políticos e econômicos para a população brasileira seriam alcançados por meio da obediência à hierarquia e à ordem imposta, sendo assim, sempre subentendidos nos símbolos da nação.

O projeto político e cultural do governo brasileiro esteve amplamente atrelado, também, às atividades físicas. Nesse período – sobretudo durante o Estado Novo – o poder público assumiu algumas das atividades que, até então, diziam respeito tão somente a sociedade civil, mas que depois passaram a ser apropriadas pelo Estado. O esporte, e especialmente os esportes de massa, como é o caso do futebol, além de todo o universo que o circunda, estiveram a seu serviço. A instituição do Departamento de Imprensa e Propaganda, que subordinava diretamente ao presidente Getúlio Vargas, exerceu papel fundamental na difusão do “consumo” dos elementos culturais do país. Veículos de informação, como periódicos e transmissões radiofônicas, expressavam suas opiniões e emitiam as notícias, de forma sempre a enaltecer o regime político implantado, e afirmava que o “esporte deveria estar a serviço da pátria. (SILVA, 1998, p. 174)

A nação tornaria-se forte com base nas atividades esportivas. O esporte passa a ser visto, então, além das questões físicas. Virtudes como o caráter e a moral passam a ser condições necessárias e fundamentais na busca de uma identidade nacional.

É importante destacar que a auto-afirmação nacional por meio do futebol não foi construída somente pelo Estado. Segundo Denaldo Alchorne de Souza<sup>58</sup> houve sim a participação de outros segmentos da sociedade que também tomaram parte nessa elaboração. Este autor procura nos mostrar que a construção da identidade nacional por meio do esporte/futebol não ficou restrita ao Estado.

Para ele um momento capaz de mostrar que a sociedade não ficou apática às construções ideológicas do Estado Novo, foi a identificação de uma parte da sociedade com o jogador Leônidas da Silva que não possuía nenhum dos modelos do homem brasileiro, não era considerado um exemplo de “homem novo”. Essa identificação foi possível uma vez que havia entre eles (jogador e povo) uma aproximação nos ideais que buscavam, ideais que eram diferentes dos ideais oficiais, ideais que não eram encontrados no mundo do trabalho projetado pelo Estado e sim encontrados no mundo do lazer e do convívio social.

Assim, podemos perceber que apesar de uma intensa propaganda em busca do ideal do “homem novo”, do “Brasil forte”, houve uma parte da sociedade que buscou esses ideais a partir de outras ideologias e concepções.

---

<sup>58</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. Futebol e Gênero no Brasil. In: **Caderno Espaço Feminino**, v. 22, n. 2, Ago./Dez. 2009.

O uso do futebol como ferramenta de manobra durante o Estado Novo, bem como nos governos posteriores, segundo Eliazar João da Silva, só foi possível devido a sua popularidade e em consequência da boa campanha realizada no mundial de 1938. A busca por uma unidade nacional não seria feita por meio do futebol, objeto de exploração e um meio de legitimar as ações do governo, caso a seleção não houvesse realizado uma boa campanha nesse mundial. O Estado novo provavelmente não intensificaria por meio do futebol os ideais de unidade nacional.

Caso não houvéssemos obtido uma boa campanha no mundial de 38, o futebol, diferentemente do que afirma o autor citado, seria sim explorado na busca de uma identidade nacional, seria usado como símbolo de um governo forte. É claro que durante as copas do mundo houve e ainda há uma série de representações que associam a nação ao futebol, é o momento em que há uma maior identificação com o nacional. Não nos tornamos o país do futebol porque conseguimos uma boa colocação no mundial do França, mas sim por tudo que o futebol representa. O brasileiro ama o futebol porque ele foi e ainda é capaz de nos proporcionar não somente as alegrias durante as vitórias. Nós o amamos pelo que ele representa em nossas vidas, o que provavelmente seria percebido pelo governo de Getúlio Vargas e se tornaria parte da ideologia do Estado Novo, como se tornou principalmente após a copa de 38.

Em decorrência da Segunda Guerra Mundial<sup>59</sup> o campeonato mundial de futebol foi interrompido por 12 anos. Assim, o quarto mundial, que deveria acontecer no ano de 1942, só aconteceu em 1950 no Brasil. Como reflexo da Segunda Guerra Mundial nenhum país europeu quis se inscrever para sediar o quarto mundial, o Brasil era o único candidato e assim foi concedido o direito de realizar a Copa do Mundo. Uma oportunidade única de mostrar o

---

<sup>59</sup> Durante os anos de 1939 e 1945, o mundo viveu a Segunda Guerra Mundial. Durante esse período os interesses econômicos bem como a defesa de interesses ideológicos estiveram em disputa.

A posição brasileira no início desse período conturbado era, paradoxalmente, confortável e incomoda. Segundo Rafael Luís Macedo, essa posição ambígua acontecia porque o país procurava se manter neutro durante o conflito. Uma escolha certa, de qual lado se posicionar, ficava difícil, pois o país possuía boas relações tanto com os países “Aliados” (Inglaterra, Estados Unidos URSS e França), quanto com os países do “Eixo” (Alemanha, Itália e Japão) podendo se valer financeiramente dos dois lados, todavia após pressão dos Estados Unidos e dos demais países permaneceu ao lado dos “Aliados”. Esse interesse pelo apoio brasileiro se justifica devido a sua posição geográfica favorável, porque possuía pontos estratégicos para a construção de bases militares e por possuir uma economia emergente.

A justificativa usada pelo governo para apoiar os “Aliados”, mas uma vez, era o bem da população, a defesa do povo brasileiro, mostrando assim, todo o caráter patriótico do governo, seu amor e seu compromisso com a nação brasileira.

Percebemos que em todas as situações, diante dos “imprevistos” e decisões que não agradariam a todos os setores, a justificativa estava sempre baseada em fundamentos que buscavam legitimar as suas ações usando a população, mostrando a preocupação com o bem social, político e econômico do país.

bom futebol brasileiro e conseqüentemente consolidar as ações e intervenções do governo no esporte.

Nesse mundial uma nova forma de disputa foi implantada. Seriam mais jogos: quatro grupos compostos por quatro seleções e na fase seguinte todos se enfrentariam, somando-se pontos. Foram 33 inscritos para o mundial, os grupos foram organizados para a disputa das eliminatórias devido às proximidades geográficas, evitando assim longos deslocamentos.

Nos dias atuais esse sistema ainda é utilizado, as eliminatórias são organizadas de acordo com os continentes. Os classificados são conhecidos após a realização de jogos entre países do mesmo continente, as vagas para o mundial são distribuídas de forma proporcional. Nas eliminatórias sul-americanas organizadas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) <sup>60</sup>, por exemplo, são dez seleções, as quatro melhores são classificadas, enquanto o quinto colocado tem direito à “repescagem”, disputada com o quarto lugar da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF)<sup>61</sup>.

<b>Grupos</b>	<b>Países</b>	<b>Classificado (os)</b>
Grupo 01	Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda	Inglaterra e Escócia
Grupo 02	Iugoslávia, França e Israel	Iugoslávia
Grupo 03	Bélgica, Luxemburgo e Suíça	Suíça
Grupo 04	Irlanda, Finlândia e Suécia	Suécia
Grupo 05	Espanha e Portugal	Espanha
Grupo 06	Síria e Turquia	Turquia
Grupo 07	Cuba, Estados Unidos e México	Estados Unidos e México
Grupo 08	Equador, Paraguai, Peru e Uruguai	Paraguai e Uruguai
Grupo 09	Bolívia e Chile	Bolívia e Chile

<sup>60</sup> Entidade que organiza todos os campeonatos que envolvem as seleções da América do Sul, como também campeonatos realizados entre os clubes sul-americanos.

<sup>61</sup> Entidade responsável por organizar o futebol na América do Norte, Central e o Caribe.

Grupo 10	Birmânia, Índias e Filipinas	Não houve representantes desse grupo.
----------	------------------------------	---------------------------------------

Durante as eliminatórias houve muitas desistências, desse modo outras seleções foram classificadas. Embora inscritos Argentina, Áustria, Birmânia, Equador, Índia e Peru não participaram do mundial. Em decorrência dessas desistências esse mundial apresentou número inferior de participantes se comparado ao último, somente 13 seleções se classificaram, sete eram americanas e seis européias. O Brasil já estava classificado por ser o país sede e a Itália por ser a última campeã. As seleções classificadas foram divididas em quatro grupos.

<b>Grupos</b>	<b>Países</b>
Grupo 01	Brasil, Iugoslávia, Suíça e México
Grupo 02	Inglaterra, Espanha, Estados Unidos e Chile
Grupo 03	Suécia, Itália e Paraguai
Grupo 04	Uruguai e Bolívia

A partir das vitórias conquistadas na fase de grupos, as seleções disputariam o Turno Final.

O Brasil iniciou o torneio no dia 24 de junho contra o México, o placar foi quatro a zero para o Brasil. No dia 28 de junho empatou com a Suíça (2x2). No jogo contra a Iugoslávia, realizado em 01 de julho o Brasil, conseguiu a classificação para a Fase Final após vitória por dois a zero. No Grupo 02, a Espanha conseguiu a classificação. A Suécia foi a classificada do Grupo 03 e no Grupo 04, com apenas uma partida disputada, o Uruguai conseguiu a sua classificação.

Na fase final o Brasil enfrentou a Suécia e a Espanha, venceu ambos os jogos sete a um e seis a um respectivamente. O Uruguai também enfrentou essas seleções e, assim como o Brasil, venceu. O Brasil precisava apenas de um empate para conseguir o seu primeiro título mundial, para o Uruguai somente a vitória seria capaz de fazê-lo ser bicampeão do mundo. No dia 16 de julho, ao final dessa partida, um resultado inesperado para todos os brasileiros,

vitória do Uruguai por dois a um em pleno Maracanã lotado de brasileiros que estavam certos de uma vitória da seleção brasileira.

Muitas expectativas foram criadas em torno do mundial de 1950, grande mobilização da imprensa e do governo federal. Os estádios do Pacaembu na capital paulista e o Maracanã na cidade do Rio de Janeiro foram construídos para receber o mundial. O Maracanã, uma construção monumental, foi construído para simbolizar a grandeza da seleção bem como da população brasileira. Uma festa estava sendo preparada para que mais de 190 mil pessoas pudessem acompanhar a glória da seleção brasileira, que pela primeira vez estava perto de se sagrar campeã mundial.

Era a chance de mostrar para o mundo a capacidade dos brasileiros, de que a ideia de um país atrasado fosse superada pois a vitória da seleção seria diretamente associada à imagem de um povo vencedor, enfim uma imagem positiva dos brasileiros para o mundo todo, simbolizada no campo esportivo. A nação brasileira seria vencedora tanto nos gramados quanto em outros aspectos, sejam eles políticos, culturais e econômicos. Uma possível vitória seria capaz de mostrar a capacidade dos brasileiros de disputar de “igual para igual”, não só no futebol como em qualquer outro segmento. Por isso, “[...] o governo brasileiro como propósito de difundir o espírito do nacionalismo, percebia que a eventual conquista do campeonato mundial se prestaria a ser um dos símbolos de afirmação deste nacionalismo.” (SILVA, 1998, p. 44).

Eric Hobsbawm afirma que quando associamos as vitórias esportivas à vitória de uma nação em outros aspectos, que não os esportivos, “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome.”<sup>62</sup> Simbolizando assim, que em prol de uma paixão nacional o país é capaz de se unir.

Nos dias que antecederam o jogo final contra a seleção Celeste, depois de uma bela campanha nas fases anteriores, já se festejava a conquista. Os próprios jogadores<sup>63</sup> se deixaram levar pelo clima de “já ganhou” de dirigentes e torcedores.<sup>64</sup> Mas o final sonhado e esperado não foi realizado. O Brasil perdeu e deixou escapar a possibilidade de se tornar campeão mundial pela primeira vez:

---

<sup>62</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998, p. 171.

<sup>63</sup> Em entrevista concedida a Flávia Ribeiro em 2006, o jogador Albino Fiaça, autor do único gol do Brasil na final de 50, ao ser questionado sobre o clima de “já ganhou”, respondeu: “Não. A gente entrava em campo para ganhar, ninguém pensava em perder. Mas a gente jogava sério, era sem oba-oba”. Sobre a derrota considera a mesma um fardo que ele carrega até hoje.

Disponível em: <http://historia.abril.com.br/cultura/albino-fiaca-ressaca-copa-1950-434833.shtml>

<sup>64</sup> Disponível em: [www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/esporte/copa50a.html](http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/esporte/copa50a.html)

No dia 16 de julho, no Maracanã, perante 200 mil pessoas, com Jules Rimet presente, sob as ordens do inglês Reader, precisando o Brasil apenas do empate, tem-se a disputa final do IV Campeonato Mundial de futebol. O Brasil faz 1 a 0, e aos 13 minutos do primeiro tempo Schiaffino empata. Há silêncio no estádio. O silêncio aumenta com o gol de Ghiggia e depois, sem forças, tendo festejado muito na véspera, antes do título, o Brasil deixa fugir a sua primeira grande oportunidade de ser campeão mundial de futebol. (...) Ninguém se apercebeu da tragédia, da festa de Obdulio Varela, Maspoli, Schiaffino, Ghiggia, Gambeta e outros. (DUARTE, 1998, p. 70)

A final foi considerada uma tragédia, foi o dia em que o Brasil inteiro chorou de tristeza. No Maracanã houve um “silêncio monumental”<sup>65</sup>. Foi uma tristeza geral, o jogador Obdulio Varela<sup>66</sup> apesar da conquista comentou: “não gostei de ver aqueles 200 mil torcedores tristes, não gostei de ver o Rio às escuras e sem carnaval. É a vida. Era campeão, no hotel em que estávamos, e não sentia uma total alegria pelo fato” (DUARTE, 1998, p. 84).

O autor Victor Andrade de Melo comparou a final da Copa de 50 a uma tragédia grega, “um drama marcado pela ambigüidade e pela reviravolta, em que a *hybris*, desmedida do herói é a causa da sua desgraça.”(MELO, XXXX, p. 09). Segundo ele a comparação da final do mundial é perfeitamente possível uma vez que apresentava todas as características de uma tragédia. A derrota foi apresentada a vários brasileiros num teatro aberto com arquibancadas (Maracanã), a partida era o espetáculo, a confiança exagerada e o favoritismo foram os maiores responsáveis pela derrota.

Além de um descontentamento geral, a derrota abalou muito os jogadores e muitos brasileiros. Se antes a possível vitória seria capaz de mostrar as qualidades da nação, a derrota era agora usada por muitos para simbolizar e caracterizar os brasileiros, passando a ser considerados incapazes de fazer frente a outros países, não eram capazes de ser os melhores do mundo nem no esporte. Aos jogadores a derrota foi atribuída a uma falta de disciplina tática e força de vontade e a uma inexistência de espírito patriótico.

Na revista *O Cruzeiro*<sup>67</sup>, as abordagens referentes à derrota só ocorreram treze dias depois, em 29 de julho. Segundo eles, um dos motivos responsáveis pela derrota foi o excesso de otimismo da sociedade brasileira e não um determinado jogador.

<sup>65</sup> RODRIGUES, Nelson. *Às Sombras das Chuteiras Imortais*. Organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 20.

<sup>66</sup> Autor do primeiro gol do Uruguai na final contra o Brasil.

<sup>67</sup> Fundada em 1928, por Carlos Malheiros Dias, apesar de possuir suas publicações editadas no Rio de Janeiro, levava notícias das diversas áreas para todo o país. Possuiu um papel de destaque na década de 50, ao publicar notícias referentes ao IV mundial realizado no Brasil. Antes da derrota criou, assim como tanto outros, grande expectativa com a elaboração de imagens e símbolos em torno da seleção; na derrota, ao contrário de muitos, não procurou encontrar entre os jogadores os culpados, mas sim razões que pudessem explicar o fato. FRAGA, Gerson Wasen. A “derrota da máscara”: a revista “O Cruzeiro” e a Copa do Mundo de 1950. **IX Encontro Estadual de História – ANPUH-RS.**

Todos somos culpados. Que história é essa, agora, de descarregar sobre os ombros de Bigode, de Barbosa, de Jair, de Flávio Costa, a responsabilidade por uma derrota que é tão nossa quanto deles e para a qual contribuímos e pela qual nos penitenciamos? (...) Quem lhes afivelou a máscara? Vocês, torcedores. Nós, jornalistas. Eles, do rádio. Todos, sem exceção, das gerais às arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que eles se esquecessem do ilógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar as faixas de campeões do mundo antes do jogo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram eles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaios eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio.

Apesar da derrota, havia um discurso de valorização do Brasil e de sua gente, defendendo em alguns momentos o goleiro Barbosa, considerado por muitos como o maior culpado pelo fracasso brasileiro: “Vá para o arco e experimentar um Ghiggia a poucos metros, livre, a chutar um desses petardos e, depois, perdoará Barbosa.”<sup>68</sup>

Nelson Rodrigues, ao escrever sobre Barbosa na *Manchete Esportiva* de 30 de maio de 1959, não lhe atribui a responsabilidade pela derrota, considera o goleiro um jogador eterno, visto que estará pra sempre na memória dos brasileiros seja pela copa de 50 ou não:

Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já esqueceu da febre amarela, [...] do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que o ele não esquece, nem a tiro, é o chamado frango de Barbosa. [...] Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa, quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: - “Esse camarada não morre mais!”. Não morreu e pelo contrário: - está cada vez mais vivo.

Nelson Rodrigues nos mostra que este jogador teve a sua imagem vinculada à derrota do mundial de 1950, mostra que para muitos brasileiros foi o grande culpado por ter deixado o Uruguai vencer o Brasil, porém, Nelson Rodrigues não está preocupado em explicar as derrotas utilizando este ou aquele jogador, sua preocupação está em mostrar as qualidades dos jogadores e para ele Barbosa foi injustiçado, uma vez que uma partida foi capaz de fazer ele carregar sozinho, por uma vida inteira, a culpa da derrota, não sendo reconhecido como o verdadeiro “craque” que era.

A valorização do jogador do futebol, do homem brasileiro, fica evidente quando ele cobra em suas crônicas uma mudança de postura dos jogadores após a derrota em 50. Para Nelson Rodrigues deveríamos romper com a “alma de cachorro vira-latas”, deveríamos deixar a insegurança de lado e não deixar esse complexo interferir no sucesso do “escrete” e dos

<sup>68</sup> **O Cruzeiro**, 29 de Julho de 1950. p. 14-20. Disponível em [www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro).

brasileiros, deveríamos acabar com o excesso de humildade em todos os setores principalmente no futebol, não foi porque em 50 não conseguimos mostrar as qualidades do brasileiro, por meio do futebol, que estaríamos condenados para sempre à condição de inferiores:

[...] qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". [...] Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (RODRIGUES, 1993, p. 12)

Nelson acreditava muito na seleção, “eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: - sou de um patriotismo inatural e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo”(RODRIGUES, 1993, p. 12) e acreditava que esse excesso de humildade só iria atrapalhar o país em qualquer competição que fosse disputar, era então necessário, segundo ele, que o próprio brasileiro não se reconhecesse como um “vira-latas”, era preciso acreditar nas suas qualidades, no seu futebol, no seu talento, as derrotas aconteceriam não por falta de futebol ou de qualidades táticas, mas sim por não acreditarem no próprio potencial.

O futebol, desde o seu início até os dias atuais, passou por diversas modificações, porém, sempre foi usado com o objetivo de legitimar determinados setores das sociedades em que esteve inserido. Se na Copa de 38 o terceiro lugar foi capaz de despertar de maneira mais intensa o uso do futebol como justificativa das ações realizadas pelo governo Vargas, na Copa de 1950, foi responsável pela maior tristeza vivida pelos brasileiros. Seria o fim de um sonho, seríamos para sempre inferiores ao demais. Quem naquela época, após a derrota para os uruguaios, poderia imaginar que oito anos depois seríamos campeões na Suécia? Qual torcedor acreditava que em 1962 e em 1970, no México, seríamos os primeiros tricampeões mundiais?

O futebol é assim, uma “caixinha de surpresa”, é capaz de transformar um país que ainda sofria os reflexos da derrota da Copa de 50 em um país campeão do mundo, um país capaz de fazer frente aos demais no esporte. A população já não sentia mais vergonha de

ser brasileiro, manifestava por todos os cantos do país um ufanismo exagerado. Hoje somos pentacampeões, o único da história dos mundiais. O país que sofreu a pior derrota dentro das quatro linhas, aquele que era cheio de humildade ao enfrentar os seus oponentes, depois das primeiras conquistas nos mundiais pode “bater no peito” e dizer: Somos o país do futebol.

Em 2014, pela segunda vez iremos sediar o mundial, fica a pergunta: depois de 64 anos teremos a chance de ver a nossa seleção ser campeã mundial no Maracanã, ou será que os fantasmas da copa de 1950 irão nos assombrar novamente? O excesso de confiança dessa vez irá atrapalhar? Essas perguntas só poderão ser respondidas daqui a três anos, mas fica a torcida para a conquista do mundial.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esta monografia foi de extrema importância para mim, uma vez que foi capaz de tornar possível o meu crescimento como historiadora, possibilitando um maior conhecimento sobre o papel atribuído ao futebol durante o Estado Novo, bem como os instrumentos utilizados pelo governo em questão na busca da construção de uma nacionalidade por meio do esporte, principalmente o futebol durante a realização dos campeonatos mundiais.

Durante esse trabalho procurei mostrar como o futebol se constituiu como forte elemento manipulador das massas. Sendo possível perceber que lhe foi concedido um papel político com objetivo de consolidar uma nação forte, preparada e capaz de se apresentar diante das demais nações, se constituindo ao longo dos anos como elemento de manipulação política através dos meios de comunicação, diretamente influenciados pelo regime autoritário de Vargas, que foram de grande auxílio no controle das massas, controle social que projetava a imagem de um nação vencedora por meio de grandes espetáculos públicos, leis trabalhistas, manifestações culturais e decretos-leis, vinculados diretamente à figura do líder político Getúlio Vargas. Foi necessário mostrar a nacionalização do esporte, por meio das leis nacionalistas fiscalizadas pelos órgãos de repressão, uma vez que a partir dessas intervenções e regularizações seria possível construir e fortalecer o projeto político do país: a identidade nacional.

Dessa forma foi possível perceber que o futebol não foi e não é somente um esporte que se apresenta com o propósito de simples diversão e espetáculo esportivo, além de possuir grande responsabilidade social, teve a sua imagem vinculada às políticas públicas brasileiras, principalmente durante o Estado Novo, além de apresentar uma função cultural inegável.

Procurei mostrar como se constitui a relação futebol e Estado Novo – um regime autoritário centralizado na política trabalhista e na paixão futebolística –, pois essa foi a primeira vez que um governo brasileiro utilizou o esporte de forma direta para legitimar as suas ações. Neste sentido, procurei mostrar como foram construídas as simbologias do futebol no imaginário popular e como se deu a busca de um “homem novo”, que apresentaria as qualidades necessárias para a formação de um Estado forte, por meio da educação e da prática esportiva, atingindo assim a ideologia nacionalista. A associação dos jogadores de futebol a heróis da pátria, antes das partidas nos campeonatos mundiais, também foi apresentada como consequência de um governo soberano capaz de fazer os brasileiros não se apresentarem

como inferiores perante os demais. Os jogadores passaram a ser representados como exemplo de coletividade harmônica, feliz em defender a imagem do país no exterior.

Considereei necessário mostrar os quatro primeiros mundiais, pois a partir deles foi possível compreender como foram construídas as relações entre futebol e povo. Os dois primeiros mundiais (1930 e 1934), foram importantes na medida em que as péssimas colocações foram apresentadas como reflexo da intolerância de alguns dirigentes, principalmente os paulistas, que por questões políticas não liberavam os seus melhores jogadores. Neste período ainda permaneciam as rivalidades regionais herdadas dos dois pólos (Rio de Janeiro e São Paulo) de poder no país. Nestes casos ficou evidente que as questões políticas permaneceram em primeiro lugar, enquanto as questões relacionadas diretamente ao esporte ficaram em segundo plano. A partir de 1937 os Estados perdem a sua autonomia e se submetem à União.

O mundial de 1938 foi importante neste trabalho porque a partir dele o governo varguista viu diretamente no esporte o objeto ideal na busca do projeto de unidade nacional, intensificando assim os ideais de uma nação unida. A Copa de 1950, apesar de já findo o Estado Novo, foi de extrema importância para compreender como um campeonato foi capaz de mobilizar os diversos setores da nossa sociedade e como uma possível conquista seria capaz de mudar a construção de alguns estereótipos que o brasileiro carregava. Ao apresentar a derrota procurei compreender como ela atingiu a população brasileira, como influenciou na caracterização dos brasileiros.

Sabemos que hoje em dia o futebol possui grande destaque na mídia, em todos os canais de televisão e emissoras de rádio há programas esportivos e nos jornais ganha tanto destaque quanto a política e a economia. Nos cadernos dedicados ao esporte, o futebol possui o maior destaque, são várias as páginas dedicadas ao assunto, por ser o esporte que atinge as multidões e desperta grandes emoções e paixões, não é de se surpreender todo o destaque e interesse que ele provoca na população brasileira, enquanto outros esportes ficam em segundo plano. Na literatura também ganhou destaque, são vários os autores que procuram abordar esse esporte a partir de distintas perspectivas. Nesse sentido, a utilização de crônicas sobre futebol foi muito importante na realização deste trabalho, devido ao fato de que abordam o futebol, principalmente as derrotas, de uma forma diferente dos demais meios de comunicação, que procuram desvalorizar este ou aquele jogador. As crônicas sobre o mundial de 50 ajudaram a compreender a construção das imagens de alguns jogadores e a relação da população com o esporte mais praticado no mundo, o esporte mais adorado pelos brasileiros.

Na realização deste trabalho, foi possível entender como um campeonato mundial foi e é capaz de despertar todo o sentimento de amor à pátria até mesmo naquele que não torce por nenhum time. Em ano de Copa do Mundo, saímos nas ruas com bandeiras do Brasil e por todo o país o verde e o amarelo se tornam as cores do país. Durante um mês nos esquecemos dos problemas que o país enfrenta e depositamos nos jogadores todas as nossas esperanças em busca do primeiro lugar. Dessa forma foi possível entender como o futebol ganhou todo esse destaque no nosso país, como foi capaz de despertar os mais distintos sentimentos e a sua utilização pelo governo varguista como um importante instrumento de manipulação política.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Azevedo. **Getúlio Vargas, Estadista**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

BAÉS, Renato. **Corumbá: Futebol & copas – História de todas as copas do mundo**. Bauru: Tilibra, 1966.

CAMPOS, Francisco. **O Estado Nacional (Sua estrutura – seu conteúdo ideológico)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930, O silêncio dos vencidos: memória, história e revolução**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DUARTE, Orlando. **Enciclopédia – Todas as copas do Mundo**. São Paulo: Makron Books, 1998.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1972.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FRAGA, Gerson Wasen. A “derrota da máscara”: a revista “O Cruzeiro” e a Copa do Mundo de 1950. **IX Encontro Estadual de História – ANPUH-RS**.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses. Futebol, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela Maria C. **História e Historiadores: A Política Cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

LENHARO, Alcir. **Sacralização política**. Campinas: Papyrus, 1986

LUCCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social**. Dissertação de mestrado – PUC. São Paulo, 1998.

MACEDO, Rafael Luís. O esporte no Estado Novo: vigilância, formação, e controle em época de guerra. **I Encontro da ALESDE. Esporte na América Latina: atualidade e perspectiva**. Curitiba: UFPR, 2008.

MEDEIROS, Jarbas. **Ideologia Autoritária no Brasil (1930/1945)**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

MELO, Victor Andrade de. **Cinema e esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

MURAD, Maurício. **Dos pés a cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996

MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. **O futebol do banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança**. Lousã / Portugal: Celta Editora, 1994,

OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria Castro. **Estado Novo. Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala. As origens da ideologia do trabalhismo no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 1999.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: O futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação de Mestrado – História Social - USP. São Paulo, 2009.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. Futebol e o projeto de unidade nacional no Estado Novo (1937-1945). **X Simpósio Internacional. Processo Civilizador**. Campinas, 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e autoafirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. Org. Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. **Às Sombras das Chuteiras Imortais**. Org. Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SILVA, Eliazar João da. **A taça do mundo é nossa: o futebol como representação da nacionalidade**. Governador Valadares: Univale, 2006

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Futebol e Gênero no Brasil. In: **Caderno Espaço Feminino**, v. 22, n. 2, Ago./Dez. 2009.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

WOLF, Joel. Pai dos pobres ou mãe dos ricos? Getúlio Vargas, industriários e construções de classes, sexo e populismo em São Paulo, 1930 – 1954. In: **Revista Brasileira de História**, n. 27, 1994.

#### **FONTE**

Revista *O Cruzeiro*.